



Carlos Eduardo Pawlowski

O Espectro da Eugenia na Ficção de Monteiro Lobato: O Presidente Negro

Rio de Janeiro
2018

Carlos Eduardo Pawlowski

O Espectro da Eugenia na Ficção de Monteiro Lobato: O Presidente Negro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em História.

Orientador: Prof.Dr. Ricardo Figueiredo de Castro

Rio de Janeiro
2018

O Espectro da Eugenia na Ficção de Monteiro Lobato: O Presidente Negro

Carlos Eduardo Pawlowski

Monografia submetida ao corpo docente do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel.

Aprovada por:

Prof. _____ -Orientador

(Prof. Dr. Ricardo Figueiredo de Castro, IH/UFRJ)

Prof. _____

(Prof, IH/UFRJ)

Prof. _____

(Prof, IH/UFRJ)

Rio de Janeiro

2018

RESUMO

PAWLOWSKI, Carlos Eduardo. **O Espectro da Eugenia na Ficção de Monteiro Lobato: O Presidente Negro**. Rio de Janeiro, 2018. Monografia (Bacharelado em História)- Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Essa monografia busca a compreensão do pensamento eugenista através do romance de Monteiro Lobato e de seus personagens na década de 1920 no Brasil republicano junto ao contexto norte-americano de eugenia. Demonstrar no discurso ao longo do romance exemplos de distopia, autoritarismo e concepções de sociedades ideais. Dentro do conceito de eugenia, é traçada uma exposição de suas origens até o lançamento da obra de Lobato em 1926, figurando nela os atores sociais, tanto da citada data, como os do futuro projetado por Lobato e estabelecer entre eles similaridades no que tange a aplicação da eugenia em sociedade. Estudar de forma comparativa o que foi a eugenia para os especialistas brasileiros e norte-americanos, sem deixar de estabelecer paralelos com o futuro idealizado por Monteiro Lobato e os fatos ocorridos na História Mundial após 1926.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 AS ORIGENS DA EUGENIA E SUA EXPANSÃO NOS ESTADOS UNIDOS E NO BRASIL.....	8
2.1 O PRINCÍPIO	8
2.2 DOIS CASOS: A EUGENIA NOS EUA E NO BRASIL.....	12
3 BREVE ANÁLISE DE OUTROS AUTORES SOBRE O ROMANCE DE MONTEIRO LOBATO.....	18
4 O ESPECTRO DA EUGENIA NA FICÇÃO DE MONTEIRO LOBATO: O PRESIDENTE NEGRO.....	24
5 CONCLUSÃO	57
6 FONTES.....	60
7 BIBLIOGRAFIA.....	61

1 INTRODUÇÃO

Um dos primeiros registros de um romance no segmento de ficção científica no Brasil foi “O Presidente Negro”, também chamado “O Choque de Raças” escrito pelo famoso literato brasileiro José Bento Renato Monteiro Lobato, vulgarmente conhecido como Monteiro Lobato.

A primeira vez que foi lançado o romance de Monteiro Lobato tinha por nome “O Choque - Romance do Choque das Raças na America no Anno de 2228”, tendo sido lançado na forma de folhetins por três semanas no jornal carioca *A Manhã*, do período de setembro a outubro de 1926. Logo após, saiu a sua primeira edição impressa em forma de livro, pela Companhia Editora Nacional também em 1926. A edição sob pesquisa na verdade é uma segunda edição do ano de 2009 feita pela Editora Globo, tendo sido a primeira edição lançada pela mesma editora em 2008; na edição de 2009, pode-se encontrar, após o sumário, uma breve apresentação do escritor, seguida de uma relação de suas obras destinadas ao público adulto. Há também uma pequena apresentação do livro chamada “Um Fabulista Visionário” elaborada pelos consultores Márcia Camargos e Vladimir Sacchetta.

Essa monografia procura entender como a eugenia é tratada nessa obra. Sabe-se que na época Lobato estava em sintonia com as ideias eugênicas de Renato Kehl, Arthur Neiva, Coelho Neto, Oliveira Vianna, Belisário Penna, entre outros famosos divulgadores da eugenia no Brasil. Assim pretendemos analisar como Monteiro Lobato tratou esse processo eugênico na sociedade norte-americana do futuro através de seus personagens?

Essa pesquisa é importante do ponto de vista histórico e social, pois atualmente muito se tem discutido sobre racismo no Brasil e diversas formas de opressão, principalmente contra grupos minoritários, sejam através de política ou de debates. É de suma importância entender como tais ideias eram propagadas não só no meio científico, mas também no literário.

As fontes primárias usadas nesse projeto de pesquisa são os livros “O Presidente Negro” de Monteiro Lobato e o livro de Gustave Le Bon “Leis Psicológicas da Evolução dos Povos”. No aspecto metodológico, será feita uma articulação entre a obra de Lobato, que está no cerne da pesquisa e a obra de Le Bon; também procuramos estabelecer, dentro do horizonte de expectativa, um indicativo de como a sociedade norte-americana era um exemplo tão elogiado tanto por Lobato como por Le Bon.

No 2º capítulo, dividido em dois subcapítulos, será traçado um pequeno histórico da eugenia. É explicada a eugenia e seu desenvolvimento na sociedade norte-americana e também brasileira, tendo como suporte o livro do jornalista Edwin Black “A Guerra Contra os

Fracos”. No 3º capítulo foi feita a exposição de artigos feitos por outros autores em relação ao romance de Lobato e seus diversos pontos de vista; entre eles têm sociólogos, historiadores e críticos literários. No 4º capítulo é exposta a problemática dos personagens do livro de Lobato em relação à eugenia, o uso da tecnologia e a respectiva formação desses personagens com o tempo de Lobato e suas ideias através do suporte do livro do autor Antônio Cândido “A Personagem de Ficção” e também com o livro de Le Bon “Leis psicológicas da Evolução dos Povos”.

A ideia é expor o panorama da eugenia em solo brasileiro e como essa pseudociência se expandiu até mesmo entre os escritores, no caso Monteiro Lobato, não tendo sido somente exclusividade de médicos, cientistas ou mesmo políticos.

2 AS ORIGENS DA EUGENIA E SUA EXPANSÃO NOS ESTADOS UNIDOS E NO BRASIL

A civilização é um progresso da homogeneidade indefinida e incoerente para a heterogeneidade definida e coerente.

Herbert Spencer

2.1 O PRINCÍPIO

No discurso eugenista o ser humano, em sua epopeia através dos séculos sempre se preocupou com sua aparência, atributos físicos e sua linhagem, esta por sua vez provedora de uma boa estirpe, dando ao mundo indivíduos saudáveis, belos e também comprometidos com a ordem social e o equilíbrio da sociedade. Em muitos casos, sobrepor os considerados mais fracos era a demanda em prol da conservação dessa ordem e da tradição até então estabelecida. A busca pelo progresso racial, para alguns teóricos, era a chave para manter esse ordenamento social.

A eugenia, partindo dessas premissas citadas anteriormente, foi uma forma de pensamento produzida pelo mundo europeu ocidental, mais precisamente na Inglaterra vitoriana e industrial. Isso não quer dizer que outros povos a praticavam, não sob esse nome, mas até mesmo na remota Antiguidade se tem notícia, sobretudo entre os gregos originários de Esparta, de onde partiram tantos relatos em relação às crianças recém-nascidas que eram submetidas a exames por um conselho de anciãos; não sendo consideradas aptas a receber treinamento para se tornarem bons soldados eram lançadas do alto do monte *Taigeto*. Entre tribos indígenas brasileiras, também existem relatos de tais práticas, sendo que esse assunto é motivo de discussão entre os juristas e os antropólogos, os primeiros dizem que essas tribos praticam homicídio, já que estão sob influência do Estado brasileiro, o segundo grupo diz que não se deve interferir em suas práticas seculares, tornando-se objeto de acaloradas discussões.

Voltando ao contexto vitoriano britânico, com o avanço das indústrias muitas pessoas não viam mais perspectivas na vida camponesa, muitos procuraram os grandes centros urbanos causando um colapso social devido ao crescimento desordenado, agravamento das condições sanitárias com o aparecimento de diversas doenças e o aumento da miséria nesses centros; na visão dos eugenistas a pobreza era uma característica herdada geneticamente, um mal passado de geração em geração. A visão intelectual Iluminista, com sua concepção de

uma humanidade unitária, igualitária passou a dar espaço à ideia de “raça”; essa ideia se torna mais evidente com o crescimento dos sentimentos nacionalistas durante o século XIX, que muitas vezes considerava o indivíduo como parte de um grande “organismo biológico” relacionado à sua terra e cultura.

Nas palavras da historiadora Pietra Diwan (2014), os indivíduos mais bem-dotados intelectualmente, moralmente e fisicamente, de acordo com os pressupostos eugenistas, são os mais aptos a exercerem o poder:

...o importante é ter em vista que, historicamente houve sempre o desejo de se proclamar a superioridade de um grupo sobre outro, ou de uma teoria sobre outra, ou mesmo de um tipo de regime político sobre outro. Os melhores, os eleitos, os superiores sempre foram desejados pelo poder. E pertencer ao grupo dos melhores sempre foi o objetivo de muitos, em detrimento dos menos favorecidos. (DIWAN, 2014, p.27)

O homem tendo compreendido a natureza, foi o momento do *biopoder*¹ ser exercido através das novas descobertas científicas; os campos que ganharam destaque para o desenvolvimento da eugenia como “ciência” foram: a fisiologia², a microbiologia³ e o evolucionismo de Darwin. Da microbiologia surgiu o Higienismo, que teve sua influência também no Brasil, será comentada mais adiante. Essas disciplinas vindas do meio científico conseguiram conquistar um viés político em prol da saúde, da ordem social e do aperfeiçoamento dos indivíduos.

O grande divisor de águas na problemática da eugenia foi o lançamento do livro *A Origem das Espécies*, do cientista britânico Charles Darwin, em 1859. Essa obra estabeleceu uma alternativa completamente radical em relação ao criacionismo cristão tão concentrado na Europa durante séculos. As premissas intrínsecas na obra de Darwin, sobre o mais “apto” biologicamente sobrepular os outros menos adaptados em um mesmo ambiente, logo foram aceitas e transpostas pelos pensadores para o campo político e econômico.

Diante dessas movimentações ideológicas e de origem burguesa, ocorreu a polarização de dois grupos, influenciados pelas novas descobertas: os higienistas e os evolucionistas. O primeiro grupo, influenciado pelo Lamarckismo⁴, foi prestigiado mundialmente e acreditavam que a hereditariedade era produto do meio ambiente e do comportamento, o foco desse grupo foi em maior parte nas campanhas de vacinação. O segundo grupo, também classificados como evolucionistas-darwinistas, tinham como suporte intelectual as teorias genéticas do

¹ Termo cunhado pelo filósofo Michel Foucault no seu livro *Microfísica do Poder*, constitui o domínio do conhecimento biológico impulsionado no século XIX que tem por objetivo controlar a vida social e os povos.

² O médico francês Claude Bernard (1813-1878) foi seu maior expoente.

³ Louis Pasteur (1822-1895), criador da vacina antirrábica.

⁴ Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829), naturalista francês. Hoje sua teoria é desacreditada.

monge Gregor Mendel, estes ousaram e amplificaram a polêmica no campo social. Outro termo usado por Diwan é o *sociodarwinismo*, este termo engloba a associação entre biologia e sociologia. A biologia buscando entender de maneira ampla a complexidade das sociedades e a sociologia enquadrando os estudos da antropometria, psicologia entre outros saberes já em profusão no século XIX, associados ao entendimento da política. Os teóricos burgueses fundamentaram a partir desses conhecimentos, que as sociedades estavam em um constante processo de “luta de raças”.

Nesse instante a classe burguesa se intitulará superior ao proletariado e aos membros do Antigo Regime, através do respaldo científico e não mais religioso como era feito outrora com os últimos. Leva-se em conta também o poderio colonial das nações europeias em outros continentes como África, Ásia e América, fazendo com que o agente colonizador seja visto como “superior”, “mais capaz” em detrimento dos povos subjugados. Teoria de superioridade essa reforçada com o mito do “homem ariano”, ou seja, a ideia de que esse povo seria o precursor da etnia branca ou europeia e que haviam invadido o norte da Índia e tornando a antiga população indiana cativa, suplantando sua cultura e modo de vida. O medo e o horror da multidão foram motivos de preocupação para os darwinistas sociais ingleses; e a pobreza, surgida das deficientes políticas sociais nesse período, havia se tornado sinônimo de degeneração e também com severas consequências na economia, como mostra Diwan:

Darwinistas sociais acreditavam que a multidão que vivia nos bairros operários de Londres estava degenerando, ou seja, pobreza associada à degeneração física. Reurbanização, disciplina, e políticas de higiene pública deveriam ser aplicadas com a finalidade de prevenir a degradação física dos trabalhadores para evitar prejuízos na economia que reverteriam em menos dividendos para a burguesia. (DIWAN, 2014, p.35)

No atribulado cenário vitoriano inglês surgiu o cientista que deu vida ao termo *eugenia*⁵: sir Francis Galton. Galton nasceu em 1822, tendo falecido em 1911, Charles Darwin era seu meio-primo e seu grande influenciador com o livro *A Origem das Espécies*, conforme citado anteriormente. Francis Galton foi um homem da ciência concatenado com seu tempo, desenvolveu estudos em antropologia, meteorologia, matemática, como também na estatística. Galton fez uma transposição da teoria formulada por Darwin relacionada à melhoria das espécies animais, para o “aperfeiçoamento biológico” da espécie humana. Em sua concepção, caracteres físicos, mentais e mesmo morais estavam vinculados à herança genética, nesse conjunto se encaixam também as deformidades físicas e mentais. Como apontado anteriormente a teoria de Darwin veio a rivalizar com o criacionismo cristão, Galton acreditava que a nova teoria formulada poderia ser o embrião de uma nova crença, por assim

⁵ Como ilustrado pelo sociólogo Paulo Ricardo Bonfim, o termo vem do grego *ευγενών*, “bem nascido”.

dizer, uma nova religião. Na sua obra *Hereditary Talent and Character*⁶, lançada em 1865, Galton explicitou a maior parte de sua teoria eugenista. Na obra é ressaltada que os casamentos entre indivíduos de “boas famílias” é o ideal na construção de uma sociedade equilibrada e geneticamente saudável, incluindo também os talentos naturais desses mesmos escolhidos, a fim de serem passados as gerações futuras.

A árvore genealógica, hoje tão conhecida, foi uma das invenções de Galton. Esse mecanismo tinha por objetivo descobrir e entender a origem de diversas famílias com o decorrer dos séculos. Para a elaboração desses estudos Galton teve a imprescindível participação do matemático e estatístico Karl Pearson (1857-1936). O conhecidíssimo método de análise das impressões digitais é produto dos estudos de Francis Galton na área de antropometria; famoso também na área antropométrica, mais precisamente na antropologia criminal, foi o cientista italiano Cesare Lombroso (1835-1909), cujo pensamento era de que a criminalidade humana era uma característica herdada geneticamente. Para solidificar seus estudos e convencer os membros da ciência mundial, foi publicado, em 1873, o livro *Hereditary Improvement*, onde ele destaca que os casamentos não devem ser guiados pelas paixões e gostos pessoais, mas somente aqueles considerados com qualidades “superiores” deveriam realizar o matrimônio, rechaçando os casamentos dos que tem deficiência física, mental ou doenças congênitas.

Os ideais de Francis Galton ganharam espaço no começo do século XX, atraindo a atenção de diversos estudiosos das ciências biológicas, que procuravam estabelecer afinidades entre a biologia e o aperfeiçoamento social, sobretudo nas políticas de imigração e nos mecanismos de controle social. Cientistas da Alemanha, França, Rússia, entre outros, aderiram às novidades que a eugenia propunha. Na Grã-Bretanha, em 1907, foi fundada a sociedade *Eugenics Education Society*, tendo sido Galton presidente honorário em 1908. A eugenia de Galton atravessou o Atlântico, ganhando novos ares nos EUA e Brasil. Nomes como Charles Davenport, nos Estados Unidos da América e Renato Kehl, no Brasil, elevaram a eugenia a patamares distintos, não só eles, como outros homens da ciência nos respectivos países citados.

⁶ A historiadora Simone Rocha cita a crítica feita por Galton em relação aos jovens gênios arrebatados pela Igreja, na Idade Média, com eles aderindo ao celibato, determinando essa ação como uma prática anti-eugênica.

2.2 DOIS CASOS: A EUGENIA NOS EUA E NO BRASIL

As novas teorias se movem conforme a direção dos ventos, não tendo sido diferente nos fins do século XIX e começo do século XX com a eugenia, tendo sido trazida ao solo norte-americano, onde ganhou características mais radicais. A ideia de uma sociedade melhor, proposta por Francis Galton, através de casamentos selecionados adquiriu contornos mais sombrios. A destruição dos considerados “incapazes” daria rumo à eugenia praticada nos Estados Unidos da América neste momento. A entrada de imigrantes vindos do leste da Europa e do Mediterrâneo entre 1890 e 1920, não era bem vista pelos defensores estadunidenses da etnia anglo-saxã. O medo da degeneração era latente na elite norte-americana. O jornalista Edwin Black sintetizou bem a distinção entre *eugenia positiva* e *negativa*:

Tudo o que os eugenistas galtonianos almejavam alcançar com as boas escolhas matrimoniais, os colegas americanos preferiram realizar com medidas preventivas draconianas, destinadas a eliminar milhões de cidadãos que consideravam inadequados. (BLACK, 2003, p.67)

Estendendo um pouco mais o que Black afirmou no que diz respeito à eugenia positiva, pode-se entender que ela engloba as uniões matrimoniais desejáveis, os cuidados com a higiene, com o corpo, com a alimentação. No caso da eugenia negativa as premissas eram a segregação dos considerados “incapazes”, a impossibilidade de deixar que os criminosos, deficientes mentais, prostitutas, homossexuais pudessem se reproduzir, principalmente com intervenção cirúrgica (esterilização) e finalmente com a própria eliminação desses indivíduos. Em fins do século XIX, negros e mesmo os brancos pobres *whitetrash* eram violentamente discriminados, sendo presos em árvores e linchados. No ano de 1855, no Estado do Kansas, a política contra os “degenerados” foi implantada na forma da castração.

Como quase tudo nessa “era científica” precisava ser documentado, explicado e fundamentado, surgiram autores, publicações, artigos legitimados nos EUA pelos especialistas em eugenia. Lembrando que todos eles eram oriundos das classes mais altas, não demonstrando empatia com quem não se encaixasse em seus parâmetros de “cidadãos”. A chegada da eugenia como ciência em solo norte-americano se deu com o contato do zoólogo Charles Davenport, formado em Harvard, com Francis Galton, logo após a conferência realizada em 1901 no Instituto Antropológico de Londres. Outros autores, com algum renome, engrossaram as fileiras da eugenia norte-americana no começo do século XX. Pode-se destacar como defensor do ideal nórdico de superioridade, o educador John Franklin

Bobbitt⁷, através do seu artigo de 1909, *Practical Eugenics*; seguindo essa linha ideológica, Madison Grant escreveu *The passing of the Great Race*, como também Lethrop Stoddard em *The Rising Tide of Color Against White World Supremacy*. Todas essas publicações citadas fundamentavam, segundo as crenças eugenistas, que o tronco étnico germânico era superior aos demais, como também pregavam contra a crescente onda migratória em território norte-americano.

Mas, no entanto, para validar essas teorias, os eruditos precisavam de suporte financeiro para disseminar suas teorias raciais e eugenistas. No ano de 1902, o industrial escocês do ramo do aço, Andrew Carnegie, criou a *Carnegie Institute*, cujo objetivo era a aplicação do conhecimento científico para o aperfeiçoamento da humanidade. O estudo da eugenia negativa foi o principal assunto abordado por Charles Davenport na instalação laboratorial em *Cold Spring Harbour*, também chamada Estação para a Evolução Experimental, entrando em funcionamento em 1904. Davenport criou o ERO (*Eugenics Record Office*) com os recursos da viúva Mary Harriman, esposa do magnata das ferrovias E. H. Harriman, a fim de investigar os antecedentes genéticos de toda a população norte-americana, separando os que eram de “boa” linhagem dos que eram de “má” linhagem. O objetivo era que através das descobertas efetuadas, pudessem ser estabelecidas medidas de esterilização com a base governamental.

Esses debates acerca da eugenia negativa surtiram efeito, muitos Estados norte-americanos adotaram a prática da esterilização em homens e mulheres, independente se fossem brancos, negros ou de origem indígena, mas que apresentassem traços de demência, má formação congênita entre outros. De acordo com pesquisas realizadas por Pietra Diwan, tem-se a estimativa de que mais de cinquenta mil indivíduos entre 1907⁸ e 1949 foram submetidos à esterilização em território norte-americano; já Edwin Black afirma que o número de esterilizados supera a casa dos sessenta mil. O mais alarmante é que a grande maioria dos norte-americanos não tinham noção ou consciência de que essa lei de 1907 tinha sido implantada em Indiana. Muitos políticos concordaram com os preceitos da eugenia inclusive aprovando leis aparentemente contraditórias:

O governador de New Jersey, Woodrow Wilson, assinou o projeto de lei no dia 21 de abril de 1911. No ano seguinte, foi eleito presidente dos Estados Unidos, em virtude de sua campanha conhecida como as “Novas Liberdades”, em favor dos

⁷ John Franklin Bobbitt (1876-1956) foi educador, professor universitário e escritor norte-americano. Especializado no campo do *curriculum*, procurou orientar os jovens para a nova sociedade industrial em franco crescimento.

⁸ Nesse ano, foi aprovada a primeira lei de esterilização no Estado de Indiana, sob influência do médico Harry Clay Sharp, acusado de ter feito castrações em homens de forma criminosa, antes de ser implantada.

direitos individuais. Enfatizando as liberdades individuais, Wilson criou a Liga das Nações. (BLACK, 2003, p.135-136)

Mas nem todos os cidadãos norte-americanos eram complacentes com tais medidas, aprovadas por lei. Muitos funcionários de instituições municipais, estaduais e federais relutavam pôr em prática, procedimentos tão radicais como a esterilização. Inclusive no meio religioso, mais precisamente o católico romano, as pessoas tinham a convicção de que a retirada da capacidade reprodutora, era uma afronta à Deus. O discurso eugenista norte-americano se enraizou fortemente nas principais Universidades norte-americanas, entre elas, Harvard University, Princeton University, Yale University, Northwestern University, New York University e também na California University. Na área da psicologia norte-americana surgiram dois importantes nomes, os doutores Henry Goddard e Robert Yerkes; eugenistas convictos e apoiadores da causa de Davenport. Yerkes, criador dos testes de QI, se tornou célebre quando seu teste foi posto a prova com soldados dos EUA⁹.

O legado de Davenport foi defendido na década de 1920, mediante leis restritivas de imigração, de esterilização e com maciço investimento, sobretudo, da Fundação Rockefeller. O declínio da eugenia nos Estados Unidos veio com a Segunda Guerra Mundial e as notícias do programa eugenista antissemita de extermínio da população judaica da Europa pelos nazistas. Estes, por sua vez, causaram um grande mal-estar nos governantes da época no que tange ao advento da eugenia. Também no Hemisfério Sul a eugenia atraiu os homens da ciência, inclusive no Brasil, sendo adotada de uma forma menos radical que a norte-americana.

Acompanhando as novas tendências teóricas trazidas pelos avanços científicos dos fins do século XIX, o Brasil também recebeu influência das ideias eugenistas transmitidas pelos homens da ciência desse momento. As teorizações a respeito da questão racial, não entraram no Brasil no período Republicano, mas no período monárquico, com os incentivos do então imperador Dom João VI para a chegada dos estudiosos europeus e norte-americanos. Vários especialistas adentraram o território brasileiro a fim de estudar as populações, os animais e as plantas, pois o vasto território apresentava espécimes nunca antes vistos. No segundo reinado, este representado pela figura de Dom Pedro II, considerado o precursor da ciência em solo brasileiro vieram nomes conhecidos daquela época, tais como: Gustave Le Bon, Arthur de Gobineau e Louis Agassiz, estes teóricos raciais e severos críticos da miscigenação.

⁹ O teste de Yerkes foi feito com recrutas vindos principalmente do Leste da Europa e do Mediterrâneo com o objetivo de provar o baixo QI desses recrutas. Muitos obtiveram o QI como baixo, o teste consistia de aspectos da cultura norte-americana que poucos conheciam.

A historiadora Nancy Leys Stepan exemplifica a extinção da escravatura no Brasil em 1888, pontuando como o último país do mundo ainda a tê-la e a entrada do Brasil no contexto internacional como nação periférica e dependente das principais economias da época (STEPAN, 2005). Ela ainda salienta que devido a esses fatos, surgiram proeminentes desigualdades sociais e pobreza, sobretudo na população negra e mestiça. O Brasil, como país periférico, era visto como “inferior” em comparação com as nações europeias industrializadas. Mas a inquietação para pôr o Brasil nos moldes, veio em grande parte com a comunidade médica emergente, influenciada pelas ideias dos primeiros cientistas europeus que visitaram o território brasileiro na época monárquica. O historiador André Mota demonstra essa preocupação dos profissionais médicos daquela época:

A partir das primeiras décadas do regime republicano do Brasil, a inquietação dos médicos e das instituições de saúde pública com as condições de higiene nas áreas interioranas e nas grandes cidades revelava também a preocupação com os destinos da raça brasileira e os laços que integravam a pátria. Nesse sentido, as idealizações médicas formuladas no projeto sanitário a ser implementado tinham como meta reverter as nefastas perspectivas que avaliavam o brasileiro como inferior e, por isso, incapacitado para atingir alguma civilidade. (MOTA, 2003, p.19)

A doutrina positivista, embasada por Augusto Comte no século XIX, é também descendente das teorias formuladas nesse período (JÚNIOR, 1986). Muito aceita pelos pensadores brasileiros no período republicano, a filosofia positivista entendia a sociedade como uma forma de vida orgânica, regida por rígidos princípios. O positivismo¹⁰ também trazia a ideia de “evolução” para o espírito humano, simbolizada na *lei dos três estados*: o estado teológico-fictício, onde o ser humano explica o mundo através de agentes sobrenaturais; o estado metafísico-abstrato, onde o princípio vital rege o mundo e por último o estado positivo-científico, em que o homem prova suas teorias mediante experiências empíricas. O interessante dessa concepção evolucionista do positivismo é que ela influenciou, de maneira maciça, as teorias raciais, enquadrando o homem europeu como o patamar máximo dessa escala evolutiva.

Voltando ao caso da medicina brasileira, pode-se observar a figura do médico como capaz de promover a regeneração nacional, mais precisamente da “raça brasileira”. De acordo com suas atribuições profissionais e capacidades adquiridas através do conhecimento científico poderiam elevar o progresso do Brasil. Nesse momento surgem os primeiros especialistas brasileiros influenciados pelas teorias raciais trazidas pelos visitantes estrangeiros de outrora, como por exemplo o médico e antropólogo Raimundo de Nina

¹⁰ Um exemplo da influência do positivismo no Brasil é o lema escrito na bandeira brasileira: “Ordem e Progresso”.

Rodrigues¹¹, eminente defensor da inferioridade dos negros e que também acreditava que a aplicação da justiça deveria ser feita de modo diferenciado para os diversos grupos étnicos. Para Nina Rodrigues, o problema não era o crime e sim o criminoso e o grupo étnico para ele era crucial nesse tipo de constatação.

O clímax do movimento higienista brasileiro foi atingido com o microbiologista *Oswaldo Cruz*, condutor da vacinação obrigatória em 1904, sob o governo do prefeito Pereira Passos. Nesse desfecho, diante de rígidas e autoritárias leis sanitárias, muitos habitantes do Rio de Janeiro tiveram suas casas e moradias demolidas, segundo o critério de insalubridade e propagação de doenças. Mesmo entre os médicos sanitaristas tinham as discordâncias políticas, o doutor Cruz fazia parte da ala mais tecnicista do movimento, não tendo absorvido os ideais positivistas tão em evidência no começo da República. O objetivo do movimento higienista brasileiro era claro: provar que o homem brasileiro não era inferior, mas pra isso precisava passar por uma reforma sanitária a fim de se tornar produtivo e colaborar com o progresso da nação. Por diversas vezes, higienistas e eugenistas encontravam pontos em comum nos seus ideais, mas o que predominava no pensamento da elite era encobrir a herança indígena e africana, tornando o homem brasileiro mais “europeu”, “ariano”, um verdadeiro baluarte do processo evolutivo, de acordo com as concepções importadas do darwinismo social.

No Brasil também surgiram artigos, textos e até livros sobre eugenia. Não foram somente com os norte-americanos que surgiu esse tipo de literatura na América, temos também o caso de José Vasconcellos no México, ensaísta de uma eugenia “invertida” com a sua “raça cósmica”, na qual o mestiço mexicano seria o provedor do avanço nacional, ao contrário do “puro-sangue europeu” defendido pela maioria da comunidade eugenista. A figura do doutor Renato Kehl é de extrema relevância no que diz respeito a eugenia no Brasil. A historiadora Simone Rocha aponta que o primeiro artigo referente a eugenia, lançado no Brasil é de autoria do doutor Renato Kehl. Publicado em 1917, pelo *Jornal do Comércio*, na cidade de São Paulo (ROCHA, 2014, p.71). Duas importantes obras publicadas no Brasil por Renato Kehl são: *Lições de Eugenia*, datada de 1935 e o *Boletim de Eugenia*. No primeiro, o doutor Kehl comenta favoravelmente a implantação de leis eugênicas pelo partido nazista na Alemanha; no segundo são discutidos artigos, da autoria de diversos especialistas, sobre cultura, educação, imigração e união matrimonial. Todos tendo como tema central a eugenia.

¹¹ Nascido em 1862 e tendo falecido em 1906, foi o responsável pelo estudo da participação dos negros na formação do povo brasileiro, mesmo com uma perspectiva discriminatória em sua obra *Os Africanos no Brasil*.

Como ocorrido nos EUA com o fim da Segunda Guerra, também no Brasil, a eugenia, foi considerada uma forma de violência, identificada com o regime nazista. Nesse espaço de tempo a figura do doutor Renato Kehl acabou caindo no esquecimento, dando vez aos especialistas influenciados pela escola do relativismo cultural, capitaneada pelo alemão Franz Boas e divulgada no Brasil com o seu discípulo Gilberto Freyre, autor do livro *Casa Grande e Senzala* de 1933. Freyre era contra as teorias de embranquecimento do Brasil para torná-lo melhor. A eugenia, como citada anteriormente, não teve apenas admiradores entre médicos, antropólogos ou advogados, mas também entre os escritores e sua influência se identifica até mesmo em romances. No caso brasileiro, a obra *O Presidente Negro* de Monteiro Lobato, demonstra essa influência e como pode ser identificada através do desenrolar da história com os seus personagens.

No próximo capítulo serão demonstradas as opiniões de alguns especialistas em relação ao romance de Lobato.

3 BREVE ANÁLISE DE OUTROS AUTORES SOBRE O ROMANCE DE MONTEIRO LOBATO

Não ter futuro, acabar... Que torturante a sensação dessa massa de cem milhões de criaturas assim amputadas do seu porvir!

Por outro lado, que maravilhoso surto não ia ter na América o homem branco, a expandir-se libérrimo na sua Canaã prodigiosa!

Ayrton Lobo¹²

A publicação do único romance adulto de Monteiro Lobato pela editora Globo em 2008 (1ª edição) levantou a partir de então muitos questionamentos em relação a sua obra no geral, com respeito a uma linguagem depreciativa encontrada em seus livros sobre a população negra. Muitas foram as objeções e ainda atualmente causam intensas discussões, mas nenhuma outra causou tantos questionamentos como o seu livro “O Presidente Negro”, alvo de muitos especialistas, sobretudo de letras, história e de ciências sociais; ocasionando assim a produção de diversos artigos tentando explicar o que impulsionou Monteiro Lobato a escrevê-lo, ou tentando entender o motivo do discurso em torno da eugenia.

Na concepção da historiadora Pietra Diwan (2014) em seu livro “Raça Pura: uma História da Eugenia no Brasil e no Mundo” o escritor Monteiro Lobato não possui uma orientação muito clara do seu direcionamento ideológico, ela o considera ambíguo, com tendências reacionárias, modernas ou tudo misturado. A autora enfatiza ainda as correspondências trocadas entre ele e o médico Renato Kehl, estas localizadas no Centro de Documentação da Fundação Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro, confirmando a simpatia de Lobato pela eugenia. Para Diwan, no livro “O Presidente Negro”, Monteiro Lobato fez um “casamento” entre o momento de 1926 e a eugenia como projeto de uma sociedade norte-americana em um futuro ideal, perfeito. A historiadora ressalta em suas observações sobre o romance que as descobertas tecnológicas do futuro são mostradas de forma positiva, sem qualquer questionamento quanto ao processo social acerca da dominação de grupos e ao condicionamento para a “eficiência” e a “moral” com o intuito de eliminar os indesejáveis: o vadio, o doente e o pobre.

No artigo da professora Marisa Lajolo (1999) “Negros e Negras em Monteiro Lobato” publicado no livro “Lendo e Escrevendo Lobato”, ela mostra um panorama literário da obra de Lobato permeado pela etnia negra e, como esse grupo é interpretado segundo a literatura, não é feita uma análise social de maior profundidade que nem Pietra Diwan faz, mas podem-

¹² Idem p.198 “O Presidente Negro”.

se apontar algumas observações interessantes dadas pela professora Lajolo no que diz respeito a uma comparação entre o regime nazista relativo à Solução Final para os judeus da Europa e a criação do raio para alisar o cabelo dos negros inventado por John Dudley, sendo que esse raio servia também para esterilizar; diferente do processo nazista, esse método não precisou de um genocídio. Porém, Marisa Lajolo causa um equívoco ao comentar no seu artigo a semelhança entre o alisamento dos cabelos dos negros e o embranquecimento da pele entre a população negra no futuro com o já falecido cantor Michael Jackson, nesse caso o problema do cantor nunca teve nada relacionado à eugenia, citando o trecho:

Por outro lado, certos traços assumidos pela cultura afro-americana na segunda metade do século XX, na esteira do *black is beautiful*, conferem traço profético a um detalhe do livro de Lobato: na história, o processo de esterilização dos negros se fazia à revelia deles, embutido num processo de alisamento dos cabelos e de despigmentação, o que hoje evoca inescapavelmente o caso de Michael Jackson... (LAJOLO, 1999, p.79).

A professora fecha o artigo, porém, com uma constatação relevante sobre o romance de Lobato, para ela houve um grau de solidariedade entre ciência, arte, tecnologia e comunicação em prol da população branca para o aniquilamento da população negra em franca expansão.

O professor Ramiro Giroldo (2008), autor do artigo “Higienismo na Ficção Científica Brasileira: da Utopia a Distopia”, faz um breve estudo de três obras literárias: *O Presidente Negro* (1926), de Monteiro Lobato, *3 Meses no Século 81* (1947), de Jeronymo Monteiro e *Fazenda Modelo* (1974), de Chico Buarque. Mantendo concentração relativa a análise do autor ao romance de Lobato, ele nos traz as perspectivas relacionadas ao higienismo e aos conceitos de futuro utópico e distópico. Na exposição do professor Giroldo, o movimento higienista tinha como proposta a alteração de comportamento da população brasileira por meio de uma mudança de hábitos no que tange a melhoria das condições sanitárias e de saúde. Essa ideia também fez parte das diversas correntes ligadas à eugenia. Giroldo nos fornece como base para o entendimento do romance de Lobato a transfiguração para a ficção científica. No entendimento dado pelo autor do artigo, “utopia” quer dizer que a sociedade futura idealizada pelo escritor é a melhor, mais perfeita, enquanto a distopia se refere a uma sociedade problemática, com defeitos, violenta; no caso, *O Presidente Negro* para Lobato, pode-se dizer, engloba uma utopia. Ramiro Giroldo faz um alerta para sua análise, que é referente à ficção científica e não somente a levar o leitor a interpretar o romance de Lobato como racista. Ele observa que o protagonista Ayrton Lobo é a representação do brasileiro como parte de um país periférico, já que a história é conduzida por Miss Jane relatando os eventos dos EUA do futuro e que os argumentos expostos por Ayrton não são

problematizados, apenas refutados por Miss Jane. Girollo acrescenta que o romance de Lobato deve ser compreendido em seu contexto sócio histórico, onde a eugenia e o higienismo estavam em plena evidência no meio científico; para ele a proposta do livro se aproxima do darwinismo social. O autor propõe uma alternativa de olhar para o romance segundo sua perspectiva literária e por assim dizer calcada na historiografia. Girollo teoriza que o romance de Lobato, não segue as ideias do movimento higienista brasileiro:

A concepção de eugenia transparecida em *O Presidente Negro* se aproxima do darwinismo social propriamente dito e refuta a proposta dos “darwinistas sociais” do movimento higienista brasileiro. A solução brasileira, a mistura de raças, afinal, é a “mediocre”, no futuro narrado no romance.

Pode-se dizer, assim, que o romance não reflete, ponto a ponto, nenhuma das difusas tendências assumidas pelo movimento higienista nacional. O que há de comum, graças ao espírito da época, é o desejo utópico de atingir a perfeição por meio da higiene e da eugenia. (GIROLLO, 2008, p.9).

No artigo do sociólogo Rafael Egídio Leal da Silva (2011) intitulado “O Futuro, Segundo Monteiro Lobato: Eugenia e Utopia na Obra o Presidente Negro (1926)” cita algumas obras como parâmetros de entendimento para a eugenia, indo buscar na obra de Platão, *A República*, exemplos para o esclarecimento. Silva faz uma analogia com o que seria uma cidade perfeita (ou cidadão perfeito) extraído da obra de Platão com o futuro exposto por Monteiro Lobato: para que uma cidade fosse perfeita ela deveria ser essencialmente virtuosa, ou seja, possuir as quatro Virtudes fundamentais: Sabedoria, Coragem, Temperança e Justiça. Silva descreve também o abra do inglês Thomas More (1478-1535) chamada *Utopia* onde se nota que a família é a base da organização dessa sociedade; outro dado interessante da obra é um tipo de ritual em que os noivos são postos nus e examinados, pois poderiam esconder algum tipo de deformidade, algo muito semelhante a teoria da eugenia. Rafael ainda enumera os conceitos de eugenia positiva e negativa: a primeira propunha que as pessoas de raças “superiores” e em boas condições de saúde tenham filhos, enquanto a segunda propagava a esterilização dos incapazes, deficientes, criminosos e os indivíduos de raças “inferiores”. No romance de Monteiro Lobato, Silva demonstra que no embate entre o presidente Kerlog e Jim Roy não há espaço para a moral e sim para o que se mostrar superior no racionalismo e explicita com uma citação de Pietra Diwan a consonância de Lobato com os ideais da eugenia. Silva diz que a compreensão do artigo é feita nas correntes da historicidade e que não se deve desmerecer sua obra, visto que o pensamento de Lobato era produto de uma determinada classe social, não podendo demonstrar pensamento diverso. Silva também aponta a formação de um “novo homem” no romance:

Procuramos, assim, compreender este romance em sua historicidade, a partir das ideias que, ancoradas na realidade vivida pelos homens, em seu contexto de racionalização, modernização e implantação do capitalismo, foram expostas e que

fazem parte daquela época, como é o caso da eugenia, e até mesmo do racismo tão explicitamente exposto por Monteiro Lobato. Conforme podemos perceber, a eugenia, na verdade tão antiga quanto o pensamento ocidental, constituiu um ideário da Modernidade, ao permitir que um novo homem pudesse ser moldado, frente às novas necessidades sociais. (SILVA, 2011, p.1923).

Em outro artigo sobre higienismo no Brasil “Os Jecas do Literato e do Cientista: Movimento Eugênico, Higienismo e Racismo na Primeira República” de Marco Antônio Stancik (2005), são expostas a eugenia, o higienismo e o racismo, que segundo o autor foram fontes inspiradoras dos intelectuais brasileiros que, no início do século XX, pensaram o país e sua população, apresentando a solução para os problemas diagnosticados e comprovados de acordo com suas interpretações na Primeira República (1889-1930). O autor afirma que o romance de Lobato possui conteúdo machista, eugenista e racista, mas também pondera que é um produto do seu tempo e meio social; é citada a obra *O Problema Vital*¹³, onde Lobato reconsidera que o problema do sertanejo não é racial e sim provocado pelas doenças e a falta das devidas condições sanitárias, mas mesmo assim, segundo Stancik, a concepção de Lobato quanto ao negro ser “inferior” nunca mudou:

Em resumo, constata-se que Lobato assimilou e incorporou o discurso que advogava por melhores condições de saúde, como o caminho para a restauração do homem brasileiro. No entanto, se essa perspectiva sanitária significou uma alternativa ao discurso racista, no seu caso não conduziu à superação do mesmo. Portanto, para Lobato, a indolência e pouca produtividade atribuída ao brasileiro passou a ser associada às más condições de vida, mas o negro prosseguiu sendo visto pelo intelectual como um ser inferior. (STANCIK, 2005, p.52).

Stancik analisa também, diferente de Giroldo, que Lobato não via seu futuro como uma utopia, que apresentava um problema, na sociedade norte-americana do futuro o choque étnico ainda persistia, ameaçando o programa branco de domínio exclusivo dos Estados Unidos.

Apontamento interessante também é feito por Mônica Pontes de Assunção (2014) no artigo de sua autoria “Análise do Discurso Bakhtiniana na Obra “O Presidente Negro”, de Monteiro Lobato” onde ela associa o romance de Lobato com a ideia de polifonia estabelecida pelo russo Mikhail Bakhtin. Nesse quesito, Mônica Pontes explica que para Bakhtin o idioma é um sistema que se encontra inserido no contexto social e histórico dos seus reprodutores. A autora cita Beth Brait, estudiosa de Bakhtin, que afirma para se estabelecer o entendimento dos discursos feitos em tempos e espaços distintos é necessário que se inicie uma análise em relação aos contextos sociais, históricos, culturais e ideológicos específicos. Mônica Pontes

¹³ Tendo como foco central as questões envolvendo a saúde do brasileiro, a coleção de textos *O Problema Vital* saiu em forma de livro pela primeira vez em 1918. A obra é uma homenagem aos médicos Belisário Pena, Artur Neiva e Oswaldo Cruz.

considera que Monteiro Lobato apenas reproduziu em seu romance, através de seus personagens, teorias e ideias científicas que vigoravam em seu tempo:

Na obra analisada a realidade retratada remete aos idos de 1920, época em que o pensamento científico e eugenista vigora no mundo ocidental e também asiático, difundindo concepções que pretendem realizar uma limpeza étnica das populações de países diversos. As ideias eugenistas são retratadas em vários momentos da obra, fixando-se na projeção futurista apresentada por Miss Jane, dos Estados Unidos, que desenvolveu, a partir desse princípio, enumeráveis medidas legais que levaram ao aprofundamento da crise racial naquele país. (ASSUNÇÃO, 2014, p.25).

A autora elabora um panorama da eugenia no romance de Monteiro Lobato, separando em seis itens que ela considerou cruciais: 1- A ação eugênica nas mulheres norte-americanas, tornando-as mais belas e capazes de procriar filhos saudáveis, marcando assim o padrão estético perfeito dos Estados Unidos no futuro; 2- O higienismo também figura como temática do romance de Lobato, principalmente no que se refere a limpeza dos agentes sociais considerados indesejados: o vadio, o doente e o pobre. Objetivos esses que estavam em sintonia com os processos da eugenia. 3- O racismo é demonstrado na narrativa através da divisão racial em 2228. A autora faz uma analogia entre o estereótipo negativo pregado pela elite brasileira branca a respeito dos negros no período de 1920-30 e o mito da democracia racial brasileira. 4- O assimilacionismo fruto da miscigenação para a formação da sociedade brasileira, porém com os valores estéticos, culturais e morais dos europeus. 5- O pensamento de superioridade da população ocidental como condutor da sociedade “ideal” norte-americana do futuro, com base nisso os problemas à saúde mental e a manutenção do espaço público foram sanados. 6- O processo de mestiçagem brasileira é criticado duramente no romance, sendo considerado inadequado para o estabelecimento de uma identidade nacional. Por fim, Mônica Pontes traz a polifonia que anuncia as vozes sociais dos personagens de Lobato, no caso de Ayrton Lobo, funcionário da empresa Sá, Pato e Cia que transparece o trabalhador no meio capitalista; Jim Roy, o personagem que representa o negro norte-americano oprimido; o presidente Kerlog, um típico norte-americano com tendências racistas e segregacionistas.

O crítico de literatura Fausto Cunha (1928-2004) no livro de L. David Allen “No Mundo da Ficção Científica” caracteriza o romance de Monteiro Lobato como um “precursor indesejável” no que diz respeito ao início da ficção científica no Brasil, em suas palavras:

O Presidente Negro ou O Choque de Raças é uma brincadeira de mau gosto contra a raça negra, e uma brincadeira levada longe demais. O próprio Lobato depositava esperanças no êxito do romance e, numa carta a Godofredo Rangel, antecipa o livro como um verdadeiro *bestseller*- um milhão de exemplares! – nos Estados Unidos. A decepção não tardou: naquele país seu livro foi recusado. (CUNHA, 1974, p.7).

Cunha não oferece uma maior análise sobre o romance, talvez pelo seu desprezo para com a obra.

A professora de Letras Ermelinda Maria Araújo Ferreira (2014) em seu artigo “Monteiro Lobato no Porviroscópio” considera o romance de Lobato distópico, comparando-o a autores consagrados como George Orwell e Aldous Huxley. A autora aponta o personagem Ayrton Lobo como um “deslumbrado” brasileiro periférico, receptivo e favorável, sem questionar e aceitando o uso da eugenia para o “melhoramento” da sociedade. Para a autora esse era um alerta para o modelo de educação brasileira no começo do século XX, que não privilegia a capacidade de argumentação das crianças. A autora ainda cita o episódio que decorreu referente, a negativa do editor William David Bell da agência norte-americana literária Palmer em publicar o livro de Lobato:

Infelizmente o enredo central é baseado num assunto particularmente difícil de se abordar neste país, porque ele irá, certamente, acender o tipo mais amargo de sectarismo e, por esta razão, os editores são invariavelmente avessos à ideia de apresentá-lo ao público leitor. Nem mesmo o fato do ocorrido estar localizado 300 anos no futuro iria amenizá-lo na cabeça dos leitores negros. Estivesse o senhor lidando com a invasão de uma nação estrangeira, ou raça, a reação seria bem diferente; mas o negro é um cidadão americano, uma parte integrante da vida nacional, e sugerir seu extermínio por meio da sabedoria e da capacidade da raça branca levaria a uma dissensão tão violenta no espírito dos leitores quanto faria um conflito entre dois partidos políticos, ou duas religiões, em que um extirparia o outro. (FERREIRA, 2014, p.50).

A autora em seu artigo classifica a esterilização dos negros pelo raio ômega como um tipo de “shoá lobatiana”, sendo que essa ação é decorrente de uma vontade geral da população negra norte-americana se parecer com os brancos e também da vaidade, já que os negros almejavam alisar os cabelos e clarear a pele. Ermelinda Maria considera o livro de Lobato como “profético”, no qual o autor parece prever o advento da internet. O que Ermelinda Maria destaca é a ênfase dada à eugenia no romance, reflexo, segundo ela, da percepção de como Monteiro Lobato via aquela sociedade e a desvalorização da população negra. A autora ainda lembra que no ano de 1947, dois anos após o término da Segunda Guerra, Monteiro Lobato faz reflexões sobre os acontecimentos em Dachau e Buchenwald questionando se os seres humanos eram “humanos” mesmo.

No próximo capítulo veremos como Monteiro Lobato trata sobre a eugenia, através dos personagens do seu romance.

4 O ESPECTRO DA EUGENIA NA FICÇÃO DE MONTEIRO LOBATO: O PRESIDENTE NEGRO

Estava ansioso por voltar à cidade e nos cafês, na rua, no escritório, pregar a eugenia e insultar a estúpida gente que não vê as coisas mais simples. A consequência foi que só dormi pela madrugada. E sonhei, agitado. Sonhei a cidade tão limpa dos seus aleijões que ficava reduzida unicamente a duas criaturas de mãos presas eu e Miss Jane...

Ayrton Lobo¹⁴

O motivo de Monteiro Lobato ter sido promovido a adido comercial¹⁵ para a cidade de Nova Iorque, em 1927, segundo Alaor Barbosa (1996), foram as duras críticas promovidas ao governo federal, nas quais ele classificou as forças armadas e as demais criações do Estado brasileiro como inúteis. Diante disso, o então presidente Washington Luís promoveu Lobato ao referido posto nos EUA. Com essa nova oportunidade, Lobato conseguiu realmente conhecer os EUA e seus desenvolvimentos. Monteiro Lobato apresentou a editores norte-americanos seu romance “O Choque”, que foi prontamente negada a reprodução em língua inglesa, por causa dos constantes problemas étnicos dentro do território norte-americano. Um desses problemas era a eugenia, naquele momento em profusão, inclusive com muitos entraves jurídicos.

O romance analisado nessa monografia é entre o ano de 1926 e o futuro imaginado por Monteiro Lobato, tendo como prerrogativa o romance do personagem principal com a filha do cientista. Os personagens do romance refletem nos seus diálogos o discurso da eugenia, tanto vigente no Brasil como também nos EUA. Os personagens principais da história são: Ayrton Lobo (alter ego de Monteiro Lobato) funcionário da empresa Sá, Pato e Cia, um proletário urbano preocupado em melhorar sua situação social; professor Benson, o cientista enclausurado no castelo em Nova Friburgo e criador do *porviroscópio*¹⁶, aparelho que permite enxergar o futuro, mas que vem a falecer logo no começo do romance; Miss Jane, a única filha do professor Benson. No núcleo do futuro: Jim Roy, o líder da etnia negra nos EUA de 2228, entrou em disputa pela presidência; Miss Evelyn Astor, feminista e também candidata

¹⁴ O Presidente Negro, capítulo XIX – Burrada, pág.161.

¹⁵ É um funcionário em área específica e técnica, agregado a uma representação ou missão diplomática.

¹⁶ Curioso que o futuro mostrado pelo engenho não ia além do ano 3257.

ao governo dos EUA; o presidente Kerlog¹⁷, obstinado líder da etnia branca e principal opositor de Jim Roy e John Dudley, o cientista que resolveu a “problemática” étnica dos negros nos EUA.

Importante frisar antes de tudo, a união entre Literatura e História, não se pode ignorar as narrativas dos personagens, pois com essas representações pode-se analisar o contexto da época em que foi escrito o romance. Monteiro Lobato lançou seu livro em 1926, curiosamente nesse mesmo ano Adolf Hitler lançou o segundo volume do *Mein Kampf*, tendo sido o primeiro lançado em 1925, com ele ainda na prisão. Mas atentando-se a formação dos personagens, Lobato fez penetrar os paradigmas expressos pela eugenia em sua criação literária, o literato Antônio Cândido afirma com o seguinte trecho:

De fato, afirmar que a natureza da personagem depende da concepção e das interações do autor, é sugerir que a observação da realidade só comunica o sentimento da verdade, no romance, quando todos os elementos deste estão ajustados entre si de maneira adequada. (CÂNDIDO, 1964, p.57)

Pode-se constatar isso logo na primeira página do primeiro capítulo o diálogo entre Ayrton Lobo e seu conhecido, um corretor de negócios, que irritado, propõe que os desonestos sejam eliminados pelo “sábio eugenismo”, sem ao menos falar de julgamento ou processo pelos meios legais. Ayrton Lobo concorda ainda pondo em descrédito as leis, força policial e a burocracia imposta pelo Governo. Para melhor ilustrar segue-se a fala do amigo corretor de Ayrton:

- Sim, porque se não fosse a desonestidade dos homens tudo se simplificaria grandemente. Esta demora no pagamento do mais simples cheque, donde provém? Da necessidade de controle em vista dos artifícios da desonestidade. Fossem todos os homens sérios, não houvesse hipótese de falsificações ou abusos, e o recebimento de um dinheiro far-se-ia instantâneo. Ponho-me às vezes a imaginar como seriam as coisas cá na terra se um sábio eugenismo desse combate à desonestidade por meio da completa eliminação dos desonestos. Que paraíso! (LOBATO, 2009, p.23)

Esse pensamento remete à concepção do “germe-plasma”, termo forjado pelo biólogo alemão August Weismann (1834-1914). No “germe-plasma” estariam inseridas todas as características hereditárias dos indivíduos, como talentos e defeitos, inclusive os deficientes mentais, nesse caso a desonestidade estaria incluída. O amigo de Ayrton Lobo não diz como esses desonestos seriam eliminados, mas parece que Monteiro Lobato estava a par dos métodos de exclusão propagados pelas correntes eugenistas, em particular a norte-americana.

¹⁷ Muito interessante notar que o nome do personagem Kerlog parece ser uma corruptela do nome do doutor John Harvey Kellogg (1852-1943), milionário americano e fundador do grupo eugenista “Sociedade para a Melhoria da Raça”, membro do conselho de saúde do estado de Michigan, administrava um sanatório e de acordo com os relatos, adepto de um regime alimentar alternativo criou junto com seu irmão Will Kellogg flocos de milho para serem vendidos comercialmente, isso no ano de 1906. Por fim acabaram fundando a *Kellogg Company* (BLACK, 2003, p.164), fabricante dos famosos sucrilhos Kellogg’s conhecidíssimos no Brasil.

No decorrer do romance, Ayrton Lobo adquire um automóvel Ford, fruto de seu trabalho na empresa Sá, Pato & Cia, demonstrando o sonho do trabalhador brasileiro de ter um carro próprio; nisso ele é incumbido, por seus patrões, a visitar o doutor Benson no seu castelo em Nova Friburgo, tendo quase nenhuma experiência ao volante Ayrton acaba sofrendo um acidente sendo resgatado pelo doutor Benson e seus criados (aparentemente robôs). Acordando já dentro do castelo e conversando com o doutor Benson, Ayrton é convidado pelo cientista a ser seu confidente. Pode-se observar no romance que o doutor Benson e sua filha Miss Jane parecem representar os interesses norte-americanos, enquanto Ayrton Lobo fica em segundo plano nas opiniões, ou seja, no plano periférico referente a economia, cultura e política global. Por muitas vezes sendo suas falas minimizadas por Miss Jane.

Segundo Koselleck, as categorias expressas pela experiência e a expectativa são muito importantes para a constituição de uma história humana, contudo o arcabouço antropológico também se constitui em uma ferramenta importante, sem ele a categoria História não poderia ao menos ser imaginada e organizada. Relacionando as palavras de Koselleck com o romance de Monteiro Lobato “O Presidente Negro”, pode-se perceber que se trata de um romance de ficção científica fundamentado em uma experiência antropológica, no caso a eugenia, ainda teorizada pelo meio científico de 1926, ano de lançamento do romance. O passado se constitui de experiências, nesse caso no romance de Lobato, a experiência extraída pelo autor se solidifica no futuro norte-americano de 2228, é como se os processos sociais estagnassem somente para o advento da eugenia não encontrando barreiras e questionamentos no decorrer dos séculos. Para isso Koselleck enumera em relação às expectativas:

Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem. (KOSELLECK, 2011, p.310).

Importante apontar que Monteiro Lobato, no seu romance, pareceu quase profetizar algumas formas de tecnologia hoje usadas, se não as mesmas, porém muito semelhantes. O ponto em comum era a ausência de questionamentos a respeito da evolução tecnológica, uma posição positivista e o fato dessa tecnologia estar associada à eugenia em praticamente todo o desfecho do livro. Miss Jane fala sobre as eleições em 2228:

- As eleições do século XXIII em nada lembravam as de hoje, consistentes na reunião dos votantes em pontos prefixados e no registro dos votos. Tudo mudara. Os eleitores não saíam de casa- radiavam simplesmente os seus votos com destino à estação central receptora de Washington. Um aparelho engenhosíssimo os recebia e

apurava automática e instantaneamente, imprimindo os totais definitivos na fachada do Capitólio.

De há muito se haviam eliminado as hipóteses de fraude, não só porque a seleção elevava fortemente o nível moral do povo, como ainda porque a mecanização dos trâmites entregava todo o processo eleitoral às ondas hertzianas e à eletricidade, elementos estranhos à política e de mais perfeita incorruptibilidade. (LOBATO, 2009, p.126).

O romance de Lobato expressa a fusão entre tecnologia e eugenia, no qual há um conjunto integrado entre “elevação moral” e a mecanização ou automação do voto. Essa moral é produto da seleção de indivíduos para integrar a sociedade, equilibrados, quase perfeitos em seus direcionamentos de caráter. Portanto a questão genética é fundamental nesse enlace, e são ignoradas questões de convivência, educação e o meio social onde as pessoas se desenvolvem. Na questão tecnológica, os modernos equipamentos ajudam a compensar a parte imperfeita desses indivíduos eugenizados, tornando o voto inexpugnável de qualquer interferência alheia.

Inquietante é a semelhança com a atual urna eletrônica adotada no Brasil para as eleições, longe de ser algo relacionado à eugenia, como fica evidente no livro. A diferença é que hoje se discute a segurança envolvida no voto, no romance de Lobato não, simplesmente o processo eleitoral é dado como imune a qualquer problema relacionado à violação.

A tecnologia no romance, tendo foco na eugenia dos EUA do futuro, mas que soa quase que incompreensível aos ouvidos de Ayrton, visto que os representantes dos EUA, doutor Benson e Miss Jane detinham a *expertise*¹⁸ tecnológica da economia dominante, frente a um Brasil ainda em grande parte rural. Essa tecnologia imaginada por Lobato para o romance se concentra em grande parte no *porvirosópio* inventado pelo doutor Benson, máquina no qual pode-se ver o futuro da humanidade. Futuro esse com bases eugênicas, conforme expressa o diálogo entre Ayrton Lobo e Miss Jane sobre as visões obtidas da França no ano de 3527:

- No ano 3527, por exemplo, vi na população da França evidentes sinais de mongolismo. Os trajes não lembravam nada do que usam hoje as criaturas em parte nenhuma da Terra, nem sequer pude perceber de que seriam feitos. Esqueci-me de dizer que o nosso aparelho não vai além do ano 3527. Sua potência para aí. Focalizado para o ano 3528 já dá uma visão de tal modo baça que não distinguimos nada. Ficamos, eu e meu pai, perplexos ante aquele mongolismo na França. Só depois. Fazendo cortes menos recuados e combinando uns com os outros, conseguimos decifrar o mistério. Tinham-se derramado pela Europa os mongóis e se substituído à raça branca. (LOBATO, 2009, p.64)

Ayrton Lobo se espanta com tal visão, chamando-a de catástrofe, nisso Miss Jane interfere novamente:

¹⁸ Consiste no conjunto de habilidades e conhecimentos de uma pessoa, sistema ou tecnologia.

- Por que catástrofe? Tudo que é tem razão de ser, tinha forçosamente de ser; e tudo que será razão de ser e terá forçosamente de ser. O amarelo vencerá o branco europeu por dois motivos muito simples: come menos e prolifera mais. Só se salvará da absorção o branco da América. (LOBATO, 2009, p.65)

Essa visão de Monteiro Lobato poderia estar associada a expansão chinesa na área comercial e econômica e não étnica, na atualidade. O termo “mongóis”, de acordo com a classificação antropológica fundamentada no século XIX, engloba os japoneses, chineses, mongóis, vietnamitas, entre outros povos; também caracterizados com o termo “amarelo”, conforme o segundo comentário de Miss Jane. O espanto de Ayrton, nesse quesito, diz respeito a não aceitação dos indivíduos de origem oriental nos processos de imigração do Brasil e dos EUA. Eram considerados adversos ao processo de eugeniização que almejava o embranquecimento populacional, inassimiláveis, como alguns autores diziam, entre esses Oliveira Vianna e Miguel Couto. Na fala de Miss Jane ecoa o pensamento de Darwin, onde ela afirma que o sucesso do domínio dos mongóis na Europa se deve ao fato de não precisarem de muitas proteínas e o costume de ter muitos filhos, ou seja, são os que se adaptam melhor ao meio.

O historiador André Mota (2003) analisa a situação do colono japonês no Brasil, indicando visões positivas e negativas no processo de julgamentos desses indivíduos pautados pelos especialistas médicos, políticos e juristas da época (década de 20 do século XX); no aspecto positivo o que sobressaía no japonês era a disciplina no trabalho, já no aspecto negativo era uma suposta dificuldade na aculturação e no processo de caldeamento étnico para a formação do Brasil, já que não era europeu e branco. O jornalista Edwin Black (2001) comenta sobre o *Chinese Exclusion Act* (A lei de exclusão dos chineses) formulada em 1882 nos EUA. Essa lei proibiu a entrada de novos contingentes de trabalhadores chineses no Estado da Califórnia, também impediu a naturalização dos que já estavam em território norte-americano. O historiador Fábio Koifman (2012) cita casos interessantes da entrada no Brasil de orientais sob a tutela do Estado Novo, entre esses casos tem destaque o do montador eletromecânico japonês Koiti Hattori, que participou da construção da hidrelétrica de Macabu, no Estado do Rio de Janeiro. Hattori não se enquadravam em nenhum dos casos do “imigrante ideal”, pois era japonês e tinha 60 anos na época; segundo a política imigratória do Estado Novo era um “elemento exótico” e de idade avançada.

Durante os questionamentos de Ayrton Lobo, o mesmo diz a Miss Jane não desconhecer e já ter ouvido falar sobre a expatriação dos negros norte-americanos para o

território brasileiro na década de 1920, que no futuro indicado no romance configura como a “solução branca”. O historiador André Mota (MOTA, 2003, p.73) fala sobre a BACS (*Brazilian American Colonization Syndicate*) que foi criada pelos negros norte-americanos a fim de fugirem das restrições impostas pela lei Jim Crow¹⁹. De acordo com o historiador esse movimento foi minado pelas informações supostamente divulgadas pelo FBI ao governo brasileiro da real intenção dos ativistas negros envolvidos, que era a de causar convulsão social e a não concordância de vários políticos²⁰ com a vinda de tais imigrantes, essa chegada seria um obstáculo aos objetivos de “branquear” a população brasileira. Isso mostra que Monteiro Lobato, com a leitura feita através de seus personagens, estava bastante informado com o que era divulgado nos principais meios de comunicação de sua época.

Ayrton Lobo escuta com atenção as palavras ditas por Miss Jane, em um quase monólogo, onde a personagem faz a real apologia à eugenia na formação do povo norte-americano. Sendo que através das ondas migratórias, mesmo que inicialmente pobres, os imigrantes eram “peneirados”, permanecendo apenas os “aptos” e os que adotavam a maneira de viver e a cultura norte-americana. A imigração japonesa foi restringida pelo presidente Theodore Roosevelt em 1907, mas bem antes, em 1880, a imigração chinesa era também posta em restrição na costa oeste norte-americana. No período pré-Primeira Guerra o eminente eugenista Harry Laughlin fez testes em recrutas imigrantes e constatou que os resultados mais insatisfatórios foram obtidos dos que vinham do Leste e Sul da Europa; os testes eram baseados na cultura norte-americana, ambiente que esses recrutas ainda não estavam totalmente integrados.

Miss Jane expõe sua teoria-resposta explicando o sucesso dos EUA a Ayrton Lobo:

- E o mundo americano não podia deixar de ser assim, senhor Ayrton- continuou ela.
 – Note apenas: que é a América senão a feliz zona que desde o início atraiu os elementos mais eugênicos das melhores raças europeias? Onde há força vital da raça branca senão lá? Já a origem do americano entusiasmo. Os primeiros colonos, quais foram eles? A gente do *Mayflower*, quem era ela? Homens de tal têmpera, caracteres tão shakespearianos, que entre abjurar das convicções e emigrar para o deserto, para a terra vazia e selvagem onde tudo era inospitalidade e dureza, não vacilaram um segundo. Emigrar ainda hoje vale por alto expoente de audácia, de elevação do tónus vital. Deixar sua terra, seu lar, seus amigos, sua língua, cortar as raízes todas que desde a infância nos prendem ao solo pátrio, haverá maior heroísmo? Quem o faz é um forte, e só com esse fato já revela um belo índice de energia. Mas emigrar para o

¹⁹ De acordo com Edwin Black era um conjunto de leis municipais e estaduais, que estabeleceu uma verdadeira divisão entre a população negra e branca, em grande parte no sul dos Estados Unidos.

²⁰ André Mota cita o pronunciamento do deputado mineiro Fidélis Reis (1880-1962) feito em 1923, o deputado foi autor de polêmicos projetos de imigração: “Quando então, pensarmos, Sr. Presidente [da Câmara], na possibilidade próxima ou remota da imigração do preto americano para o Brasil é que chegamos a admitir a eventualidade da perturbação da paz no continente (...) O nosso preto africano para aqui veio em condições muito diferentes, conosco pelejou os combates mais ásperos da formação da nacionalidade, trabalhou, sofreu e com sua dedicação ajudou-nos a criar o Brasil. (...) O caso agora é absolutamente outro. E deve constituir para nós motivo de sérias apreensões, como um perigo iminente a pesar sobre nossos destinos”. (MOTA, 2003, p.74).

deserto, deixar a pátria pelo desconhecido, isto é formidável! (LOBATO, 2009, p.90)

Miss Jane justifica que através da eugenia os EUA tornaram-se bem-sucedidos em vários campos, devido à entrada dos “melhores” elementos humanos europeus, nesse momento Ayrton Lobo lembra a personagem que não apenas os europeus entraram em solo norte-americano, mas também os africanos trazidos escravizados.

No romance de Lobato, miss Jane continua a fazer confidências a Ayrton Lobo do futuro dos EUA, ela também inclui uma descrição de uma operação bem ao estilo Josef Mengele (1911-1979) feita em 2201 pelo dr. Lewis. A proposta de tal operação era aumentar as capacidades sensoriais dos humanos através do “desdobramento anatômico”, essa ideia não estava fora do ideal eugenista, já que visava também o “melhoramento” da raça. Segue-se a explicação de Miss Jane em relação à operação do dr. Lewis:

- Sim, mas desdobramento anatômico. O doutor Lewis, sábio que começou a surgir em 2201, teve a ideia de romper com o plano simétrico do corpo humano. Possuímos dois olhos e dois ouvidos que agem como a parrelha de cavalos a puxar no mesmo rumo o carro. Lewis alterou isso. Por meio de um delicado processo cirúrgico, desligou- desxipofagou os nervos ópticos e auditivos, dando autonomia aos dois ramos. Conseguii destarte que o “desdobrado” pudesse ver uma coisa com o olho direito e outra com o esquerdo, e também ouvir às duplas, com a audição assim desligada. (LOBATO, 2009, p.74)

As semelhanças com as criminosas intervenções médicas no campo de concentração de Auschwitz feitas por Mengele são por assim dizer espantosas, só que feita em outro contexto e tempo imaginados por Lobato; tendo sido o romance escrito em 1926, ainda seriam necessários dezessete anos para que o nome de Mengele se tornasse conhecido. Miss Jane classifica o indivíduo operado como um “Homo elevado”, deixando claro o objetivo eugenista na constituição de um “ser superior”, no entanto, não pode ser visto no romance se a pessoa submetida ao procedimento cirúrgico foi ou não conivente. Miss Jane reconhece que a descoberta do médico e sua implantação não foram bem-sucedidas, escapando do viés de uma ciência positivista e sem alguma forma de questionamento, pondo em dúvida a busca do ser humano “superior”:

- Mas não foi coisa que se generalizasse- continuou a moça. – A ruptura por intervenção humana dos planos normais da natureza nunca foi bem-sucedida. Sobrevinham sempre complicações imprevisíveis à argúcia dos sábios, e irremediáveis. Esse pobre desdobrado, por exemplo, acabou logo depois de maneira trágica. Em vez de persistir na sua sexta potência, *empastelou-se*, confundiu-se e acabou não sendo nem sequer um homem apenas, como antes da operação. A mais horrorosa demência veio destruir aquela obra-prima da cirurgia de 2228. (LOBATO, 2009, p.75)

Monteiro Lobato também discorre sobre as notícias falsas e boatos que o brasileiro costuma repetir, esse discurso faz-se muito atual com o surgimento da *Internet*. Ayrton Lobo

ao ouvir através de seu patrão Sá que os americanos eram o povo mais “materialão da terra”, ou seja, só visavam o consumo e a acumulação de riquezas de acordo com a lógica capitalista; mas Lobo é um brasileiro que faz parte de uma nação periférica, como o Brasil, pouco sabendo sobre os EUA. Diante da afirmação que os americanos eram “materialistas”, por influência de Sá, Ayrton Lobo logo recebe a contra argumentação de Miss Jane:

-Essa ideia não pode ser sua, senhor Ayrton. Soa-me a frase feita, das que se recebem no ar sem exame. A um povo que tenta romper com o álcool acha sem ideais? Poderá haver maior idealismo que o sacrifício de formidáveis interesses materiais do presente em vista de benefícios que só gerações futuras poderão recolher? Se o senhor Ayrton observar um pouco a psique americana verá, ao contrário, que é o único povo idealista que floresce hoje no mundo. Único, vê? Apenas se dá o seguinte: o idealismo dos americanos não é o idealismo latino que recebemos com o sangue. Possuem-no de forma específica, próprio, e de implantação impossível em povos não dotados do mesmo caráter racial. Possuem o idealismo orgânico. Nós temos o utópico. Veja a França. Estude a Convenção Francesa. Sessão permanente de utopismo furioso- e a resultar em que calamidades! Por quê? Porque irrealizável, contrário à natureza humana. Veja agora a América. Em todos os grandes momentos da sua história, sempre vencedor o idealismo orgânico, o idealismo pragmático, a programação das possibilidades que se ajeitam dentro da natureza humana. Leia Emerson e leia Rousseau. Terá o expoente de duas mentalidades polares. Não acha o senhor Ayrton que é assim? (LOBATO, 2009, p.88-89)

Importante observar que Miss Jane, em sua resposta, parece reproduzir o pensamento do francês Gustave Le Bon, quando se refere ao “idealismo” norte-americano, dizendo que o mesmo não pode ser inserido em populações de “caráter” racial distinto. Como se esse “caráter” fosse apenas exclusivo e intrínseco ao ramo anglo-saxão, desprezando as realizações de outros povos que não se incluem nesse segmento. O antropólogo Everardo Rocha²¹ classifica esse tipo de pensamento como o da sociedade do “eu”, onde o saber, o trabalho e o progresso coexistem, enquanto que na sociedade do “outro” reinam o atraso e a barbárie. Nota-se também nas palavras de Miss Jane severas críticas ao processo revolucionário na França, pensamento encontrado na obra de Le Bon.

Gustave Le Bon, psicólogo francês e autor do livro “Leis Psicológicas da Evolução dos Povos” declara a suposta superioridade norte-americana, mesmo que ainda no século XIX, demonstrando a influência de suas ideias na obra de Monteiro Lobato, como se pode ler na resposta de Miss Jane a Ayrton Lobo. Esse “caráter” racial é o que define o norte-americano branco, segundo Le Bon:

As características preponderantes desta constituição mental, são, no que diz respeito ao caráter: uma força de vontade que muito poucos povos, excepto talvez os romanos, possuíram, uma energia indomável, extraordinária iniciativa, império absoluto sobre si, sentimento de independência levado até excessiva insociabilidade,

²¹ Formado em antropologia social no Museu Nacional da UFRJ, é autor do livro *O que é etnocentrismo*, onde explica as visões formuladas pela observação de outras sociedades.

atividade poderosa, sentimentos religiosos muito vivos, moralidade muito fixa, e muito nítida ideia do dever. (LE BON, 1929, p.117).

Observa-se na transcrição de Le Bon que a “constituição mental” e a “energia indomável” adquirem características eugênicas, como sendo legítimas do povo norte-americano e impossível à maioria dos povos; a semelhança com a fala de Miss Jane não é mera coincidência. Um dos biógrafos de Lobato, Alaor Barbosa (1996), em seu livro “O Ficcionista” atesta as influências de Gustave Le Bon e de Herbert Spencer na formação filosófica do escritor. Monteiro Lobato, pelo que se sabe, era fervoroso admirador de um famoso partidário da eugenia: Henry Ford. Tanto que no romance o nome do empresário é lembrado com ares de admiração, Lobato também teve a ideia de construir uma siderúrgica no Brasil e visava o petróleo. Com a queda da Bolsa de Nova Iorque e a crise de 1929, Lobato retorna ao Brasil e se dedica à literatura novamente.

Ayrton Lobo ainda defende a teoria do “embranquecimento” no Brasil, dizendo que os brasileiros foram mais específicos que os norte-americanos nesse quesito. Lobo responde:

-Erro impossível de ser corrigido- aventurei.- Também aqui arrostamos com igual problema, mas a tempo acudimos com a solução prática- e por isso penso que ainda somos mais pragmáticos do que os americanos. A nossa solução foi admirável. Dentro de cem ou duzentos anos terá desaparecido por completo o nosso negro em virtude de cruzamentos sucessivos com o branco. Não acha que fomos felicíssimos na nossa solução? (LOBATO, 2009, p.92).

Importante lembrar que no Brasil os chamados “*homens de sciencia*”, termo usado pela historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz em seu livro “Espetáculo das Raças”, defendiam esse embranquecimento dos brasileiros de uma maneira não tão radical como os norte-americanos e britânicos, mas acreditavam que através de sucessivos cruzamentos entre imigrantes brancos, negros e indígenas prevaleceria no futuro uma população com pele mais clara. Um clássico exemplo dessa teoria de embranquecimento, foi o quadro feito pelo pintor espanhol Modesto Brocos, em 1895.

Segundo Lilia Moritz Schwarcz:



Na tela acadêmica do pintor espanhol M. Brocos, chamada *A redenção de Can*, vemos a representação do processo de branqueamento tal como apregoado pelo governo brasileiro à época. Nela aparecem uma vó muito negra, que é retratada como se agradecesse a Deus por algum milagre; à direita o pai branco, que lembra um português; e ao centro uma mãe mulata e de traços “suavizados” com um bebê branco e de cabelos lisos no colo. Tudo ambientado num cenário que mais lembra um cortiço, com suas casas de pau a pique e uma palmeira a certificar a origem tropical. (SCHWARCZ, 2012,p.87)

Como observado na pintura, esse era o retrato das teorias evolucionistas e raciais que tinham chegado ao Brasil nos fins do século XIX e perduraram nos meios intelectuais até pelo menos a década de 30 do século XX. A mestiçagem foi

defendida pelo jurista Silvio Romero da escola de Recife²². Ele acreditava que o elemento mestiço era a chave para a homogeneidade étnica brasileira, porém no seu pensamento ainda se refletiam as ideias de que africanos e indígenas eram um impedimento ao desenvolvimento nacional.

Na Faculdade de Medicina de Salvador, a primeira do Brasil, os seus médicos acreditavam que a miscigenação era prejudicial ao avanço político, sanitário, econômico e iam além, para eles a miscigenação trazia loucura, aumento dos crimes e a disseminação das doenças. Esse pensamento era reproduzido pelo médico e antropólogo Raimundo Nina Rodrigues, que considerava a população negra inferior.

Importante que se deve contextualizar que era esse o pensamento a respeito da miscigenação e de outros grupos étnicos. No entanto, durante a década de 30 do século XX apareceram outros intelectuais fazendo o contraponto dessas teorias. Interessante trecho de carta mandada por Lobato ao seu amigo advogado e escritor Godofredo Rangel, em 1944:

“Dizem que a mestiçagem liquefaz essa cristalização racial que é o caráter e dá uns produtos instáveis. Isso no moral- e no físico, que feiúra! Num desfile, à tarde, pela horrível Rua Marechal Floriano, da gente que volta para os subúrbios, que perpassam todas as degenerescências, todas as formas e má-formas humanas- todas, menos a normal. Os negros da África, caçados a toro e trazidos à força para a escravidão, vingaram-se do português de maneira mais terrível- amulatando-o e liquefazendo-o, dando aquela coisa residual que vem dos subúrbios pela manhã e reflui para os subúrbios à tarde.” (NIGRI, 2012)

No trecho da carta, Monteiro Lobato afirma que os negros forçaram a miscigenação com os portugueses que os dominavam, e critica a população, em sua maioria mestiça, que vive nos subúrbios das cidades como se fosse um subproduto doentio desse processo de mestiçagem secular dentro da sociedade brasileira. Interessante notar no diálogo entre Miss Jane e Ayrton Lobo, que Monteiro Lobato inseriu as duas visões eugenistas referentes à preservação étnica; a primeira dada por Lobo de que o brasileiro tivesse superado o “problema” através da homogeneização pela mestiçagem e Miss Jane com os ideais norte-americanos de eugenia, ao que parece muito bem conhecidos por Monteiro Lobato.

Outro personagem que também defendia a miscigenação do brasileiro foi o sociólogo Oliveira Viana, mas também sob um viés eugenista, já que para haver um “melhoramento” do negro este deveria se misturar ao branco. Viana foi o maior opositor da vinda de imigrantes japoneses para o Brasil. A ideologia eugenista de Viana está presente em sua obra, datada de 1933, “Evolução do Povo Brasileiro”. Ao que se pode perceber, o romance de Monteiro Lobato abarcou todas as nuances das teorias da eugenia, sempre tendo como base a sociedade

²² No ano de 1854 ocorreu a mudança da Escola de Direito de Olinda para Recife, culminando na adoção pelos novos estudantes das teorias vigentes na Europa naquele momento, sobretudo o darwinismo social.

norte-americana, mas em um futuro reacionário e tecnologicamente avançado, tendo essa tecnologia relações intrínsecas com os processos de segregação entre brancos e negros. A tecnologia sendo um produto prático das diversas teorizações científicas assume no romance um papel de ausência de questionamento, por assim dizer atinge uma característica *positivista*, apenas louvada pelo autor, não refletindo sobre os aspectos negativos decorrentes do seu uso.

No Primeiro Congresso Universal de Raças, realizado no ano de 1911, em Londres, figurava entre os palestrantes o então diretor do Museu Nacional João Batista Lacerda que tinha levado sua tese de embranquecimento do Brasil para defesa nesse encontro (SOUZA;SANTOS, 2012). Segundo seus cálculos, até o ano de 2012 a população negra haveria de ter desaparecido do Brasil, ficando apenas alguns mulatos e na sua totalidade branca. Oliveira Viana denominava esse processo de “arianização”, em alusão aos arianos, povo branco que invadiu o norte da Índia no segundo milênio a.C., tendo se miscigenado com a população indiana de pele negra. Segundo a historiadora Nancy Stepan, o pensamento eugenista na década de 20 do século XX no Brasil estava identificada com o higienismo e o saneamento. O geneticista da Escola Agrícola Luiz de Queiroz, de Piracicaba, Octávio Domingues (1897-1972) defendia que a miscigenação era saudável e que evitava doenças de natureza recessiva. Curioso notar que muitos dos geneticistas vieram do campo agrícola ou de criação de animais, posteriormente se dedicando ao estudo humano.

Miss Jane ainda faz apologia aos assassinatos dos considerados incapazes, exaltando a chamada “lei espartana”²³, isso bem antes da subida do partido nazista ao poder na Alemanha com suas leis raciais. Mesmo com o espanto de Ayrton Lobo, Miss Jane ainda justifica tal ato praticado pelo Ministério da Seleção Artificial. Segue-se o diálogo:

Essas restrições melhoraram de maneira impressionante a qualidade do homem. O número dos malformados no físico desceu a proporções mínimas sobretudo depois do ressurgimento da sábia lei espartana. (LOBATO, 2009, p.97).

Ayrton Lobo, espantado, questiona e logo sua contestação é justificada por Miss Jane:

- A que matava ao nascedouro as crianças defeituosas?- exclamei arrepiado.- Tiveram eles a coragem de fazer isso? (LOBATO, 2009, p.97).

- Se o senhor Ayrton visse, como eu vi, o resultado dessa e de outras leis semelhantes, só se admiraria da estupidez do homem em retardar por tanto tempo a adoção de normas tão fecundas. Entre cortar no início o fio da vida a uma posta de carne sem sombra de consciência e deixar que dela saia o ser consciente que vai vegetar anos e anos na horrível categoria dos “desgraçados”, a crueldade está no segundo processo. A lei espartana reduziu praticamente a zero o número de desgraçados por defeito físico. Restavam os desgraçados por defeito mental. (LOBATO, 2009, p.97-98).

²³ A lei espartana relatada por Miss Jane é a chamada *Lei Owen* (ver p.43-44)

Miss Jane justifica que tal lei era de real importância, pois indivíduos que não tivessem uma saúde satisfatória junto com seus atributos físicos, automaticamente teriam que ser exterminados a fim de que não causassem distúrbios sociais e de alguma maneira também de natureza econômica, já que o Estado gastaria consideráveis somas de dinheiro com os indivíduos com má formação física. Essas são premissas da eugenia no geral, sendo que nos EUA em muitos Estados foram adotados processos de esterilização. Ela ainda cita os indivíduos que desapareceram na futura sociedade norte-americana vista através do porviroscópio do doutor Benson: os surdos-mudos, os aleijados, os loucos, os morféticos, os histéricos, os criminosos natos, os fanáticos, os gramáticos, os místicos, os retóricos, os vigaristas, os corruptores de donzelas, as prostitutas. Tal como falou o sociólogo Zygmunt Bauman, as “ervas daninhas” que deveriam ser cuidadosamente podadas pelo jardineiro, afim de que não prejudicassem as boas plantas do jardim (BAUMAN, 1998, p.79); o “jardim” é uma comparação à sociedade alemã que deveria ser saneada dos “maus elementos” segundo os preceitos nazistas.

Voltando ao assunto sobre o aumento da população negra dos EUA , no ano de 2228, Miss Jane relata que eles estavam na estimativa de 108 milhões, enquanto os brancos, 206 milhões. Com essa estatística a população branca estava preocupada com o seu futuro de domínio no território; surgiram duas correntes de ideias contrárias: a “solução branca” e a “solução negra”, a primeira consistia em expatriar os negros para o Vale do Amazonas, enquanto a segunda corrente de pensamento defendia que os EUA deveriam ser divididos, negros ao Sul e brancos ao Norte, sendo que os dois grupos étnicos participaram do desenvolvimento do país. Miss Jane ainda traz as visões futuras do Brasil dividido:

- O antigo Brasil cindira-se em dois países, um centralizador de toda a grandeza sul-americana, filho que era do imenso foco industrial surgido às margens do rio Paraná. Com as cataratas gigantescas ao longo do seu curso, acabou esse fértil Nilo da América transformado na espinha dorsal do país que em eficiência ocupava no mundo o lugar imediato aos Estados Unidos. O outro, uma república tropical, agitava-se ainda nas velhas convulsões políticas e filológicas. Discutiam sistemas de voto e a colocação dos pronomes da semimorta língua portuguesa. Os sociólogos viam nisso o reflexo do desequilíbrio sanguíneo consequente a fusão de quatro raças distintas, o branco, o negro, o vermelho e o amarelo, este último predominante no Vale do Amazonas. (LOBATO, 2009, p.99-100).

De acordo com as imagens mostradas pelo porviroscópio e vistas por Miss Jane, o Brasil do futuro se divide em dois países. Um na região Sul com forte influência europeia e o outro no Norte, produto da miscigenação de diversos grupos étnicos e, segundo sua visão, um total fracasso. Observa-se a forte carga do pensamento eugenista, como se a sociedade brasileira futura encontrasse apenas esse caminho. Essa separação em Norte e Sul se parece muito com os discursos tão aclamados pelo rompimento da região Sul do país, proferidos por

grupos de direcionamento de extrema-direita. Destaca-se também na fala de Miss Jane o posicionamento dos sociólogos dessa época futura do Brasil, como se não tivessem existido Franz Boas e Gilberto Freyre e a eugenia continuasse a dar o rumo do pensamento evolucionista que permeou esse espaço intelectual até a década de 30 do século XX, um importante exercício de futurologia no que diz respeito ao estudo do campo das ideias.

A descrição física do personagem Jim Roy, o “Presidente Negro”, é feita por Miss Jane:

- Dez anos antes começara a aparecer na cena americana um vulto de excepcional envergadura: Jim Roy, o negro de gênio. Tinha a figura atlética do senegalês dos nossos tempos, apesar da modificação craniana por influência do meio. Tal modificação o aproximava do tipo dos antigos aborígenes encontrados por Colombo. Era esse, aliás, o tipo predominante no país inteiro, e cada vez mais acentuado depois que a interrupção da corrente imigratória permitiu um evoluir étnico não perturbado por injeções estranhas. Até na tez levemente acobreada começava a transparecer nos americanos a misteriosa influência do ambiente geográfico. (LOBATO, 2009, p.101-102).

No que demonstra tal descrição, pode-se observar que Monteiro Lobato aplicou na descrição do personagem o princípio de Lamarck, que determina que a morfologia das espécies muda conforme o meio, hoje refutada pelo meio científico moderno, mas na época muito difundida pelos eugenistas. Observa-se também a ambiguidade no discurso, Jim Roy é chamado “negro de gênio”, mas no decorrer do romance os representantes do grupo étnico negro são desconsiderados, por Miss Jane, nos processos de miscigenação. Ayrton Lobo ao ver a imagem de Jim Roy, estabelece que o mesmo é produto de um processo evolutivo, devido a sua comparação com os nativos norte-americanos. Aliás, a eugenia, tanto brasileira como norte-americana, estava respaldada pelo pensamento evolucionista. Um dos expoentes do pensamento da escola evolucionista foi o norte-americano Lewis Henry Morgan (1818-1881). Ele considerava que as populações humanas se desenvolviam em diferentes estágios e que o representante da família ariana (o homem branco) representava o auge desse patamar. Mas Miss Jane explica a Ayrton Lobo que a imagem de Jim Roy não é um processo evolutivo e sim artificial:

-Não. Não foi isso milagre da influência do meio, nem era coisa singular, privativa de Jim Roy. Quase toda a população da América apresentava pele igual à sua. A ciência havia resolvido o caso da cor pela destruição do pigmento. De modo que, se Jim Roy aparecesse diante de nós hoje, surpreenderia da maneira mais desconcertante, visto como esse negro de raça puríssima, sem uma gota de sangue branco nas veias, era, apesar de ter o cabelo carapinha, horrivelmente esbranquiçado. (LOBATO, 2009, p.102).

Ao que tudo indica, segundo a explicação de Miss Jane, a população negra norte-americana se submetia a um tratamento químico para se embranquecer. Contudo, os traços

característicos desse grupo étnico não desapareciam por completo, mas nesse futuro imaginado por Monteiro Lobato os próprios negros visavam clarear mais a pele; incrível semelhança com o que se vê hoje em notícias, principalmente vindas do Leste asiático sobre produtos cosméticos para tornar a pele mais branca. Outro termo depreciativo usado por Lobato é a palavra “carapinha”, para designar o cabelo dos negros.

Monteiro Lobato no seu romance também se enveredou pelos caminhos do feminismo, a personagem de Miss Evelyn Astor expressou essa visão do autor. Astor era a candidata do chamado Partido Feminino, que rivalizava com o Partido Masculino (no passado dividido em Democratas e Republicanos) e os negros guiados por Jim Roy. Sendo que a personagem de Miss Astor não escapou aos determinismos das teorias eugenistas. Além de um suposto melhoramento da condição moral, havia também o culto à beleza física, como se pode ver no seguinte trecho descrito por Miss Jane:

- Embora, graças à vitória da eugenia, fosse regra a beleza, em vez de excessão como hoje, mesmo assim a formosura de Miss Evelyn Astor se destacava de modo obsedante. Ninguém a defrontava sem se sentir envolvido por uma aura de harmonia transfeita em força de dominação. (LOBATO, 2009, p.106).

Ainda em relação aos ideais de beleza eugenistas no futuro de 2228, evoca também pontos relacionados à libertação das mulheres do sistema patriarcal:

As mulheres não mais evocavam fisicamente as suas avós, magras umas, outras gordas, esta toda nádegas, aquela uma tábua ou de enormes seios e dentes de cavalo – verdadeira coleção de monstruosidades anatômicas. Nem recordavam socialmente as pobres cativas de antes, forçadas a girar no triângulo de ferro- casamento, celibato à força ou promiscuidade. (LOBATO, 2009, p.116).

Edwin Black (2003) menciona sobre a ativista feminista e a favor do controle de natalidade Margareth Sanger (1879-1966) muito influente nos Estados Unidos no começo do século XX. Além de defender a emancipação das mulheres foi uma incansável defensora da eugenia. Entre seus posicionamentos estavam a esterilização em massa para os considerados deficientes, a prisão dos que fossem considerados incapazes socialmente, além de ter tomado parte de políticas restritivas relativas à imigração. O movimento feminista norte-americano sempre teve influências estreitas com a eugenia, e os apontamentos e descrições feitas pelos personagens demonstram a imensa familiaridade de Monteiro Lobato com esses segmentos ideológicos na época.

Monteiro Lobato no romance se mostra antipático a esse movimento chegando a dizer que as mulheres possuem uma mentalidade diferenciada em relação aos homens. Mais uma vez podem-se sentir os reflexos das ideias de Gustave Le Bon. Fazendo uma breve

comparação das palavras ditas por Miss Jane e por Gustave Le Bon sobre a composição mental das mulheres:

Mesmo assim Miss Elvin elevou muito alto suas construções, chegando até, como já disse, a criar ciências novas, adaptadas à mentalidade das mulheres.

A Universidade Sabina fez furor. Não tinha sede ao sistema de hoje, como aliás a maioria dos estabelecimentos de ensino da época. As lições eram radiadas diretamente para a residência das alunas. A ciência elvinista possuía seus métodos próprios, nada semelhantes aos da velha ciência dos homens. Em aritmética, por exemplo, 2+2 não era forçosamente igual a 4. Era igual *ao que no momento conviesse*. (LOBATO, 2009, p.154).

...verificando-se a grande separação mental existente entre o homem e a mulher civilizados, ainda quando esta última seja bastante instruída; podem, sem dúvida, ter interesses e sentimentos comuns, mas nunca encadeamentos de pensamentos semelhantes. Falariam durante séculos sem se entenderem, por isso que são moldados em tipos muito dessemelhantes para que possam ser impressionados da mesma forma pelas cousas exteriores. A diferença das suas lógicas bastaria só por si interpor entre eles abismos insuperáveis. (LE BON, 1929, p.38).

Monteiro Lobato busca na análise psicológica de Gustave Le Bon a inspiração para descrever as ideias das feministas do futuro de 2228. Como dito antes, a “voz do sangue” é mais forte diante da ameaça de um líder negro recém-eleito, todo esse feminismo é esquecido, até mesmo sendo negado por suas partidárias. Terminando dessa maneira as feministas se juntando com o presidente Kerlog e seus aliados.

O movimento feminista norte-americano sempre foi ativo. Inclusive, a Associação Nacional de Sufrágio para Mulheres conquistou 2 milhões de membros no ano de 1917, porém como no romance de Lobato, as feministas estadunidenses possuíam linhas ideológicas segregacionistas contra negros e imigrantes (KARNAL, 2010). Os direitos eram apenas para as mulheres brancas, as negras não estavam incluídas. No romance, Miss Evelyn Astor se une ao Partido Masculino contra Jim Roy.

O trecho em que Miss Jane discursa sobre a aparência das mulheres no século XX possui incutido o pensamento do médico Renato Kehl (1889-1974), no que diz respeito à formação de corpos mais belos e com equilíbrio mental ideal, em sintonia com o pensamento eugenista. No livro lançado por Renato Kehl, em 1923, *A Cura da Fealdade*, esse tipo de pensamento estético para moldar os corpos não era utopia para o médico, ao contrário, era a base dessa linha de pensamento que se radicalizou a partir dos anos 20 do século XX. Para Kehl, os gregos da antiguidade expressavam através de suas esculturas, divisão social e leis a perfeita junção com as faculdades mentais (DIWAN, 2014).

Miss Jane explica a Ayrton Lobo a origem do sucesso da sociedade norte-americana em 2228, que se concentrava no trabalho:

- O característico mais frisante dessa época, todavia, estava na organização do trabalho. Todos produziam. Muito cedo chegou o americano à conclusão de que os males do mundo vinham de três pesos mortos que sobrecarregavam a sociedade- o

vadio, o doente e o pobre. Em vez de combater esses pesos mortos por meio do *castigo*, do *remédio* e da *esmola*, como se faz hoje, adotou solução muito mais inteligente: suprimi-los. A eugenia deu cabo do primeiro, a higiene do segundo e a eficiência do último. Aliviada da carga inútil que tanto a embaraçava e afeitava, pode a América aproximar-se de um tipo de associação já existente na natureza, a colmeia- mas a colmeia da abelha que raciocina. (LOBATO, 2009,p.117).

Analisando o trecho é importante ter em mente que a industrialização norte-americana foi anterior ao período da Guerra Civil, mas com imensa contribuição governamental, as taxas de produtividade alcançaram altos índices ao longo do século XIX. A “era da iniciativa privada” (KARNAL, 2010) foi alavancada por famílias, muitos entre eles imigrantes vindos da Europa, como por exemplo os Carnegie, os Duke, os Hill, os Morgan, os famosos Rockefeller e que estavam muitos deles envolvidos com as causas da eugenia. A *Carnegie Institution* por exemplo, foi fundada com o intuito de aplicar todo o conhecimento humano até então para o melhoramento da humanidade e foi responsável pelo impulso nas pesquisas de eugenia ministradas por Charles Davenport.

Segundo Miss Jane a eugenia literalmente “deu cabo” do vadio, pois na crença dos teóricos da eugenia o suposto gene que determinaria um indivíduo ser “vadio” poderia ser passado para a outra geração; em relação ao doente pode-se perceber a questão do higienismo, mais técnica e tratada pelos médicos, não deixou de ter relações estreitas com os teóricos da eugenia. Os médicos higienistas procuraram aplicar as novas descobertas da medicina, como antibióticos e anti-inflamatórios, no combate às diversas doenças que atingiam, sobretudo o interior do Brasil. Nas palavras de André Mota esses médicos incorporaram à sua lógica, por um Brasil “melhor”, elementos de geografia, estatística, demografia e também de história. Esses médicos, reverenciados pela República brasileira, ganhariam a alcunha dada pelo autor de “heróis da regeneração nacional” (MOTA, 2003, p.21). Pode-se ver um caso clássico de higienismo na literatura com o personagem Jeca Tatu, também de Monteiro Lobato e o famoso biotônico Fontoura. O sanitarismo, outra vertente do higienismo, tinha como objetivo no Brasil, resolver a problemática das doenças no homem sertanejo, não apenas no contexto da medicina, mas também no âmbito administrativo-social.

No ano de 1922, foi fundada na cidade do Rio de Janeiro a Liga Brasileira de Higiene Mental, com a direção do médico psiquiatra Gustavo Riedel. Os psiquiatras da Liga colocavam no mesmo nível problemas de diferentes níveis, como por exemplo, miséria e loucura, hoje se sabe que o primeiro é decorrente de problemas sociais e o segundo de ordem patológica.

No capítulo 14 “Eficiência e Eugenia” há uma menção sobre a erradicação dos cegos da sociedade norte-americana futurista. Esse relato se dá com a dúvida de Ayrton Lobo em

relação aos caracteres luminosos projetados em murais nas casas, para as pessoas lerem as mensagens:

Ayrton Lobo: - Ainda havia jornais nesse tempo?

Miss Jane: - Sim, mas jornais nada relembrativos dos de hoje. Eram radiados e impressos em caracteres luminosos num quadro mural existente em todas as casas.

Ayrton Lobo: - E os cegos?

Miss Jane: - O cego ficou para trás. Cegueira, mudez, surdez, estupidez, tudo isso não passava de reminiscências de um tempo de que os homens sorriam com piedade. (LOBATO, 2009, p.118-119).

Ao que tudo indica, nesse futuro não havia nenhum objeto de apoio na linguagem Braille, já que não existiam mais cegos, portanto o advento desse recurso era inútil. Nota-se novamente a aliança entre tecnologia e eugenia, subentende-se que os cegos causariam mais gastos.

Segundo Edwin Black (2003), o oftalmologista Lucien Howe²⁴ (1848-1928) foi um proeminente médico eugenista que lutou em prol da esterilização das pessoas com cegueira, inclusive com a proibição do casamento entre indivíduos cegos. Howe investigou instituições do governo que ajudavam os cegos, com o intuito de provar que o custo era muito alto. Na sua cruzada ele descobriu um gasto de quase 4 milhões de dólares do governo para manter o auxílio a essa população cega. O problema todo era a cegueira hereditária, tanto que em abril de 1921, um senador do Estado de Nova Iorque, adepto da eugenia, criou o projeto de Lei 1597 que proibia o matrimônio entre pessoas com problemas de visão ou de seus parentes mais próximos. O próprio médico chegou a estipular que os cegos deveriam ser detidos em colônias, para que a sociedade fosse “protegida” dessa classe de deficientes e que deveriam se ocupar com empregos de acordo com suas inteligências (BLACK, 2003,p.256).

A questão da *eficiência* parece remeter a capacidade de trabalho. Monteiro Lobato sendo grande admirador de Henry Ford, também outro seguidor da eugenia, procura evocar a administração do processo relacionado a produtividade com o intuito de manter os indivíduos ativos, longe de lograr quaisquer benefícios sociais. No ano de 1913, Ford instalou as primeiras linhas de montagem para produzir em 93 minutos o que anteriormente exigia 14 horas. Sendo assim, a produção em massa reduziu os preços e os gastos financeiros, colocando em prática o princípio da *eficiência*. Tornando o cidadão mais “eficiente” na sua produtividade, evitariam o seu suposto empobrecimento e conseqüentemente não precisaria de benesses governamentais para seu sustento, essa era a lógica aplicada junto ao processo da eugenia.

²⁴ O doutor Howe foi precursor da oftalmologia nos Estados Unidos em fins do século XIX. Bem sucedido em sua carreira profissional e admirado no meio médico, seu nome foi usado na Medalha Lucien Howe para homenagear os médicos que se destacam nessa especialidade.

Monteiro Lobato sem dúvidas estava a par do que acontecia na sociedade norte-americana na década de 1920. No livro ele cita a organização racista Ku Klux Klan, através da fala de Miss Jane para com Ayrton Lobo sobre os intensos conflitos de cunho étnico:

- Havia uma pedra no sapato americano: o problema étnico. A permanência no mesmo território de duas raças díspares e infusíveis perturbava a felicidade nacional. Os atritos se faziam constantes e, embora não desfechassem como outrora nas violências da Ku Klux Kan constituíam um permanente motivo de inquietação. (LOBATO, 2009, p.121).

O problema étnico, como aponta Miss Jane, no futuro dos Estados Unidos ainda se encontra em evidência, mas há uma diferença em relação ao passado: os atritos violentos, inclusive com mortes já não eram mais recorrentes. Entre os anos de 1882 e 1903 os linchamentos e perseguições causaram o óbito de cerca de 2 mil negros (DREGER, 1976, p.106). O autor observa que pelo fato do Brasil possuir uma grande parcela da população negra ou mestiça, os motins de origem étnica são praticamente desconhecidos.

A Ku Klux Klan criada no ano de 1867, na cidade de Nashville²⁵, tinha como objetivo, com claro direcionamento na eugenia negativa, o extermínio dos considerados “inferiores” da sociedade norte-americana (KARNAL, 2010, p.145); os princípios que permeavam esse grupo eram a defesa da honra, dos bons costumes e da moral cristã protestante, os católicos estavam fora desse escopo apesar de também serem cristãos. Políticos do Sul dos Estados Unidos davam respaldo ao grupo, além de sua base ser toda constituída de brancos pobres *whitetrash*. Outro aspecto que chama a atenção é a não citação de Monteiro Lobato ao protestantismo em seu romance, quando se refere à sociedade norte-americana do futuro.

Outro personagem importante do romance de Monteiro Lobato é o presidente norte-americano Kerlog, 87º presidente dos Estados Unidos e contemporâneo de Jim Roy, seu inimigo político e étnico. Kerlog fala sobre o problema negro a outro personagem, seu ministro de Equidade Berald Shaw:

- “Sem dúvida. O pigmento reclama contra o rigor excessivo da Lei Owen. Isso aliás pouco importa, porque antes dos maus efeitos da derrogação dessa lei já teremos solvido o problema. Os últimos estudos técnicos da exportação dos negros para a Amazônia já se acham conclusos. Jim é hábil e domina como déspota a massa negra. Havemos de nos entender. Havemos de impor-lhe por bem ou por mal a solução branca. No momento o caso se resume em obtermos dele o concurso eleitoral, pois quem lá pode saber que rumo tomarão os acontecimentos caso vençam as elvinistas? É impossível protelar por mais tempo com paliativos ilusórios a solução do binômio racial. Ou expatriamos os negros já, ou dentro de meio século seremos forçados a aceitar a solução negra, asfixiados que estaremos pela maré montante do pigmento.” (LOBATO, 2009,p.129).

²⁵ Capital do estado norte-americano do Tennessee.

O presidente Kerlog, através de sua conversa com Berald Shaw, expõe a “problemática” do negro em solo norte-americano, o que mais impressiona é que a “solução branca”, conforme relatada, se aproxima e muito da questão judaica discutida pelos nazistas. Monteiro Lobato parece antecipar, com certo rigor quase profético, o desenlace que ocorreria na Europa, mais precisamente na Alemanha, no que diz respeito à solução nazista para se livrar dos judeus. No caso da ficção de Lobato a solução branca, já dita anteriormente, visava enviar os negros norte-americanos para a região da Amazônia, enquanto que em um primeiro momento os judeus deveriam ser enviados para a Ilha de Madagascar, de acordo com os líderes nazistas.

Parece que o presidente Kerlog defendia um tipo de *Lebensraum* (espaço vital) para os norte-americanos eugenizados, sendo que a população negra não poderia participar desse mesmo espaço. Outro termo pejorativo usado pelo personagem no seu diálogo é “pigmento”, para designar a pele negra, um dos fatores que os diferenciavam da população branca. Mesmo sendo adversário de Jim Roy, Kerlog reconhece no seu oponente a habilidade em lidar com a política e ao que indica até mesmo um caráter antidemocrático no trato com seu povo, já que o compara a um déspota.

Interessante observar que Kerlog menciona a eugênica Lei Owen, para nortear a sociedade norte-americana do futuro, que na verdade eram um conjunto das teorias eugenistas do passado, mas agora em uso total no futuro dos Estados Unidos com o objetivo de criar uma sociedade perfeita. Alguns trechos da lei descritos por Miss Jane:

- Walter Owen foi o verdadeiro remodelador da raça branca na América. Apareceu cento e poucos anos antes do choque das raças com o seu famoso livro *O direito de procriar*, onde lançava os fundamentos do Código da Raça, conjunto de leis tão sábias e fecundas em resultados que, podemos dizer, a Era Nova da raça humana datou da sua promulgação. A Lei Owen, como era chamado esse Código de Raça, promoveu a esterilização dos tarados, dos malformados mentais, de todos os indivíduos em suma capazes de prejudicar com má progênie o futuro da espécie. (LOBATO, 2008, p.98).

- A má semente humana gozava de tantos direitos como a semente que abrolhou de Lincoln. E a caridade, a filantropia, a assistência pública em matéria de defesa social não faziam senão despende enormes quantidades de dinheiro e esforço na criação de hospitais, asilos, hospícios, prisões, casas de congresso, repartições públicas, isto é, abrigos para os produtos lógicos da má origem. A ideia da seleção da semente, de há muito vitoriosa na agricultura e na pecuária, só não se via aceita no campo que mais deveria interessar ao homem. Uma velha ideologia mística vinda da Ásia hebraica e um falso conceito de liberdade do 89 francês, a isso se opunham tenazmente. Quando em 2031 Owen propôs a lei espartana, a resistência ainda se mostrou forte; mas o alto progresso do espírito da América permitiu-lhe a vitória. Pouco depois, quando o mesmo Owen formulou a lei da esterilização dos tarados, embora fosse colossal o número de atingidos, já se revelou menor resistência e a lei venceu por esmagadora maioria. (LOBATO, 2008, p.158).

Walter Owen, outro personagem criado por Lobato para incrementar a aura eugenista do seu romance, parece indicar a função de auto sustentação desse futuro distópico; indicando que para tal desfecho a sociedade norte-americana precisaria de um conjunto de leis e códigos para objetivar uma sociedade branca e perfeita. Nos Estados Unidos, na primeira década do século XX, centenas de instituições de nível superior adotaram a eugenia em seus currículos seguidos também das escolas secundárias²⁶, através dos seus livros didáticos (BLACK, 2003, p.146).

Caso ilustrativo e muito importante relacionado à ação prática da eugenia negativa, foi simbolizado pelo caso da adolescente Carrie Buck, que foi esterilizada no dia 19 de outubro de 1927, sob julgamento em um tribunal da Virgínia. Carrie foi acusada de ser deficiente mental, mesmo tendo bom rendimento escolar, por ter sido estuprada aos 17 anos. Em consequência disso foi encaminhada à Colônia para Epilépticos e Deficientes Mentais da Virgínia.

No discurso de Miss Jane a “má semente humana” eram todos os considerados inadequados que viviam na sociedade norte-americana, no qual se enquadravam os bandidos, as prostitutas, os deficientes mentais, os cegos. Estes não deveriam se servir da assistência dada pelo governo, pois na visão eugenista causavam despesas e déficit econômico. Nesse entendimento os direitos humanos eram negados a esses grupos por essa lógica. Miss Jane também cita que os primeiros experimentos para o melhoramento das espécies surgiram com os pesquisadores envolvidos na pecuária e na agricultura, que na verdade muitos eram eugenistas e levaram seus saberes com o intuito de “aperfeiçoar os homens”; mas ela reconhece a resistência oferecida nesse novo tipo de intervenção.

Miss Jane enumera dois obstáculos à imposição da lei Owen: “velha ideologia mística vinda da Ásia hebraica” e o “falso conceito de liberdade do 89 francês”. O primeiro desses impedimentos diz respeito ao Cristianismo, ou melhor, ao Catolicismo Romano. Segundo a historiadora Nancy Stepan a Igreja Católica Romana foi a única instituição ocidental a ser contra a eugenia reprodutiva; entre outros aspectos a Igreja não concordava com a esterilização de quem fosse e colocava a eugenia no espectro das violações dos princípios católicos (STEPAN, 2005, p.124). Essa é a única citação que Monteiro Lobato faz à religião cristã e a sua ação proibitiva contra a eugenia no seu romance.

²⁶ O livro de biologia de George William Hunter(1874-1948) “*A Civic Biology: Presented in Problems*”, foi lançado em 1914 e acusava as famílias incapazes de causarem nos Estados Unidos toda sorte de crimes, doenças e imoralidade.

No caso do Brasil, médicos psiquiatras e também juristas justificavam como processo terapêutico a esterilização dos considerados “socialmente inadequados”. O advogado Levi Fernandes Carneiro (1882-1971) defendeu abertamente o processo de esterilização no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia (1929)²⁷.

O segundo impedimento apontado por Miss Jane diz respeito às premissas pregadas pela Revolução Francesa: “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. Nessa afirmação da personagem está inserida de forma sutil os conceitos de Gustave Le Bon, que era veemente contra o conceito de igualdade, já que para ele as raças ou etnias possuíam caracteres diversos que as tornavam incompatíveis psicologicamente. Para Le Bon a diferenciação entre os norte-americanos em relação a outros povos era marcante no que diz respeito à concepção de sua inata “energia” e “independência”, chegando a declarar que o italiano morreria de fome e que o irlandês e o negro viveriam apenas como subjugados (LE BON, 1929, p.121).

Fato curioso é a lei Owen ter conseguido se estabelecer como absoluta, mesmo com os protestos conforme indicados por Miss Jane. Para Monteiro Lobato o processo discriminatório na sociedade norte-americana foi contínuo, chegando a tal ponto da eugenia dominar toda a esfera social e governamental. O romance lançado em 1926, não poderia prever todos os conflitos e conquistas da população negra ao longo do século XX, como por exemplo o movimento dos Panteras Negras e o protesto pacífico de Martin Luther King pelos direitos civis da população negra. O direcionamento da sociedade norte-americana no romance atingiu um rumo positivista e ao mesmo tempo reacionário; positivista em relação à ciência, sem nenhum questionamento e reacionário resgatando valores propostos pela eugenia.

No decorrer do romance observam-se os exercícios de futurologia de Monteiro Lobato, citando esse caso no que se refere à seleção de indivíduos para viverem na sociedade norte-americana no ano 2228. Ele imaginou um “Ministério da Seleção Artificial”, onde pessoas seriam selecionadas de acordo com seu estado físico e psíquico, bem aos moldes da eugenia imaginada por diversos teóricos. Miss Jane discursa sobre esse “ministério” e suas funções:

Até essa época a população negra representava um sexto da população total do país. A predominância do branco era pois esmagadora e de molde a não arrastar o americano a ver no negro um perigo sério. Mas com o proibicionismo coincidiu o surto das ideias eugenísticas de Francis Galton. As elites pensantes convenceram-se de que a restrição da natalidade se impunha por 1.001 razões, resumíveis no velho

²⁷ O Congresso foi realizado em homenagem ao centenário da fundação da Academia Nacional de Medicina. Durou uma semana, reunindo duzentos profissionais de medicina, jornalistas e deputados. Foi presidido por Roquette-Pinto. No Congresso foram discutidas questões relacionadas a casamento e eugenia, educação eugênica, proteção à “nacionalidade”, tipos raciais e eugenia, a importância dos arquivos genealógicos; imigração japonesa, tratamentos dos doentes mentais, educação sexual e a proteção de crianças e mães (STEPAN, 2005, p.60).

truísmo: qualidade vale mais que quantidade. Deu-se então a ruptura da balança. Os brancos entraram a primar em qualidade, enquanto os negros persistiam em avultar em quantidade. Foi a maré montante do pigmento. Mais tarde, quando a eugenia venceu em toda a linha e se criou o Ministério da Seleção Artificial, o surto negro já era imenso. (LOBATO, 2009, p.97).

Nota-se no discurso de Miss Jane que a autoridade do controle eugenista estava na mão da elite, ou seja, daqueles que tinham o prestígio econômico, social e político no contexto da sociedade norte-americana do futuro de 2228. Segundo ela os brancos davam ênfase à “qualidade”, esse termo se refere a filhos mais perfeitos, belos e inteligentes; enquanto os negros preferiram a “quantidade”, ao que tudo indica com o objetivo de rivalizarem com a população branca.

Outro patamar da eugenia estava relacionado à reprodução e ao matrimônio controlado, também lembrado no romance de Monteiro Lobato. Como não poderia ser diferente, a geração de filhos deveria ser concedida apenas entre os casais com o atestado de equilíbrio físico e mental postulados pela eugenia. Miss Jane relata como era liberado o direito à reprodução em 2228, constituindo essa primeira etapa:

-O direito de reprodução passou a ser regido pelo Código da Raça, o mais alto monumento da sabedoria humana. Só quem apresentasse a série completa de requisitos que a eugenia impunha requisitos que assegurassem a perfeita qualidade dos produtos é que recebia do Ministério da Seleção Artificial o *brevet* de “pai autorizado”. (LOBATO, 2009, p.158-159).

Atentando-se ao fato de que a palavra “produtos” se refere a seres humanos fisicamente e moralmente perfeitos, com seus corpos domesticados para atingirem a “eficiência”, jargão de uma lógica industrial, fordista. O órgão governamental chamado “Ministério da Seleção Artificial” que tem o objetivo de legitimar quem poderá ser pai ou não. Quando o indivíduo era autorizado a adquirir a paternidade, passava para a segunda etapa, agora para efetivar a procriação e o matrimônio, nas palavras de Miss Jane:

- E não parava por aí a intervenção seletiva. Se um “pai autorizado” pretendia casar-se, tinha de apresentar-se com a noiva a um Gabinete Eugenométrico, onde lhes avaliavam o índice eugênico e lhes estudavam os problemas relativos à harmonização somática e psíquica. Caso um deles não atingisse o índice exigido, poderiam contrair núpcias, mas sob a condição de infecundidade. (LOBATO, 2009,p.159).

- Nos casamentos em que o fim era a procriação, o Estado intervinha com olhos de lince. Sendo o objetivo a prole sã de corpo e alma, compreende o senhor Ayrton que todo o rigor era pouco para evitar desvios funestos ao futuro da raça. As criaturas autorizadas a procriar constituíam uma espécie de nobreza. Todos as respeitavam como as eleitas da espécie, preciosas linhas diretrizes do amanhã. O supersticioso acato que mereciam outrora os duques, marqueses e barões por mercês arbitrárias de tronos e sólios pontifícios passou a caber ao país pelo simples fato de serem pais. Ser pai valia por um diploma de superioridade mental, moral e física, conferido pela natureza e confirmado pelos poderes públicos. (LOBATO, 2009, p.160).

Pela descrição feita por Miss Jane, pode-se notar a semelhança com o Estado autoritário no sentido de controlar ativamente a vida dos cidadãos, chegando ao ponto de proibir o direito à maternidade caso não obtenha o atestado de perfeita saúde mental, moral impecável e constituição física sem problemas congênitos. O Gabinete Eugenométrico citado parece ser uma divisão subordinada ao Ministério da Seleção Artificial, provavelmente dirigido por médicos psiquiatras e médicos clínicos de diversas especialidades. A avaliação feita é muito semelhante aos famosos exames de *check-up* executados nas grandes clínicas para saber as condições de saúde de uma pessoa. Importante apontar que a Comissão Central de Eugenia²⁸, fundada em 1931 no Rio de Janeiro, tinha como ideais a regeneração física, psíquica e moral dos seres humanos (ROCHA, 2014, p.64), o objetivo era o mesmo do “Ministério da Seleção Artificial” proposto por Lobato para os Estados Unidos do futuro.

O doutor Renato Kehl acreditava que o aperfeiçoamento do ser humano só poderia ser obtido através das escolhas matrimoniais e que essas escolhas melhorariam as características raciais. Renato Kehl visava impor o modelo nupcial adotado por alguns países afim de que o casal fosse avaliado, considerando-os merecedores do matrimônio ou não. A historiadora Simone Rocha (2014) expôs dois importantes pontos relativos ao pensamento de Kehl sobre o casamento, obtidos do artigo “A Eugenia na prática individual” publicado no Boletim de Eugenia em 1932:

1. Os indivíduos com taras hereditárias *patentes* não devem casar-se e, se forem casados não devem ter filhos. Para esse fim, procurará conhecer o passado de seus ascendentes e o dos ascendentes do outro cônjuge, pelo menos dos avós. Se registrar na família tara hereditária, dominante ou recessiva, não deverá casar-se, a não ser que o cônjuge tarado se submeta à esterilização; não se casar sem um prévio exame médico; evitar casamento com pessoa muito jovem, ou muito pior, com mais de 40 anos. As melhores idades estão compreendidas entre os 20 e 35 anos.
2. Evitar casamento entre parentes até 3º grau, ou casamentos entre pessoas não parentes, mas apresentando certos caracteres anormais, homólogos, ou certos temperamentos nervosos que, por conjugação possam surgir reforçados nos descendentes; evitar casamento com pessoa de classe inferior, e, sobretudo com indivíduos de classe diferente e com mestiços das primeiras gerações. Está provado que tais casamentos são disgênicos, dando origem a tipos inferiores física, psíquica e moralmente; procurar fazer casamento de classe, sobretudo entre indivíduos da mesma classe social, com idênticas propensão favoráveis. (ROCHA, 2014, p.64).

²⁸ O presidente da Comissão era o médico Renato Kehl.

Apesar do artigo de Kehl ter sido publicado em 1932, ao passo que Lobato lançou o *Presidente Negro* em 1926, possui espantosa semelhança em relação aos trechos sobre o casamento ditos através da personagem de Miss Jane. As duas recomendações de Renato Kehl entram com mais detalhes do que as descritas por Monteiro Lobato no romance, mas pode-se sintetizar a mesma linha de pensamento. O viés autoritário de Kehl se reflete na segregação étnica e na estratificação social, tal como no *Presidente Negro*, chegando mesmo a evocar a esterilização. Só que o modelo adotado por Monteiro Lobato, para o romance, tem mais influências nas políticas adotadas nos Estados Unidos.

No contexto norte-americano Edwin Black (2003) cita um trecho da publicação *Eugenics and the New Family* de 1924, feita no Estado da Virgínia, sobre os motivos de negros e brancos não poderem se casar para a formação de famílias:

A variação nas raças não é simplesmente uma questão de cor da pele, dos olhos e do cabelo, do contorno da face e do corpo, mas corre através de cada célula do corpo. As características mentais e morais de um homem negro não podem, mesmo sob as melhores circunstâncias, e as melhores vantagens educacionais, se tornar as mesmas de um homem branco. Mas, mesmo se as características do homem negro forem consideráveis, essas não podem ser transmitidas a seus descendentes, porque qualidades adquiridas pessoalmente não podem ser herdadas. Tampouco se pode esperar que os descendentes da união de duas raças, uma vez deixados por sua conta, se desenvolvam ou mantenham um tipo elevado de civilização. (BLACK, 2003, p.293).

O autor do trecho diz claramente que os grupos étnicos não se definem apenas por cor ou feições, indo mais além, colocando em evidência a questão celular, genética para melhor entendimento. Podem-se perceber influências da psicologia de Gustave Le Bon no trecho citado, esse mesmo autor declarou que mestiços da união de dois grupos étnicos não teriam a capacidade de dar rumo a uma sociedade mais avançada, tal como seu antecedente de “raça mais elevada”. Nota-se também a manifestação da teoria Lamarckiana dos caracteres adquiridos, quando é dito que o cidadão negro mesmo possuindo, em equivalência, os melhores atributos de um branco, que essas características não poderiam ser passadas a seus filhos. Esse era o argumento para a impossibilidade dos dois grupos contraírem o matrimônio no estado da Virgínia.

Um importante personagem nessa cruzada contra os casamentos interétnicos no estado da Virgínia foi o arquivista Walter Ashby Plecker (1861-1947). Plecker era obcecado em relatar nos registros quem era negro, branco ou mestiço, com o objetivo de evitar casamentos entre as pessoas de grupos étnicos distintos. Foi um dos formadores dos chamados *Clubes*

*Anglo-Saxões*²⁹, que tinham por ação justificar a supremacia branca. Plecker considerava que não se determinava o negro somente pela cor da pele, mas quem tivesse provas nos registros civis de antepassados negros, ou seja, mesmo a pessoa com aparência e fenótipo europeu estaria maculada pelo sangue negro sendo, portanto, considerada negra também. Essa legalidade é também confirmada pelos estudos do sociólogo norte-americano Carl Dreger (1976). Segundo Dreger nos Estados Unidos existem apenas duas diferenciações no padrão étnico: ou é branco ou é negro, sem meio termo.

No Brasil, hoje, tais políticas seriam impossíveis de serem implantadas, tendo em vista a grande miscigenação da população. De acordo com a série Retrato Molecular do Brasil, o mapeamento genético dos que se declaram “brancos” no Brasil 60% possuem matrilinearidade³⁰ indígena ou africana. (SANTOS; MAIO, 2010).

Monteiro Lobato, como escritor prolífico, não deixou de ilustrar a sociedade norte-americana do futuro com sua tecnologia a serviço dos ideais da eugenia. Ainda na representação do casamento, ele tratou de mostrar através das revelações do porviroscópio ditas por Miss Jane, até mesmo sobre uma cidade dedicada aos que obtinham a permissão de passar a noite de núpcias e procriar. A cidade relatada tinha o nome sugestivo de *Erópolis*, se entende como a “cidade do amor”. Miss Jane a descreve para Ayrton Lobo:

Ayrton Lobo: - Que? Havia Erópolis, a Cidade do Amor?

Miss Jane: -Sim. Uma cidade das *Mil e uma noites* erguida no mais belo recanto das Adirondacks e exclusivamente dedicada ao Amor. Para lá iam os enamorados, os casados em lua de mel, nela só permanecendo durante o período da ebriedade amorosa. O senhor Ayrton com certeza já amou e sabe como o amor desabrocha as criaturas em flores e perfumes. Pois imagine um éden criado pela fantasia de todos os grandes amorosos- Dante, Petrarca, Romeu , Leandro, de colaboração com todas as grandes amorosas, Julieta, Hero...Imagine a rainha Mab a provocar sonhos nesses inebriados e Ariel a realizá-los com o carinho que punha nas comissões de Próspero. O bafo de Calibã nem de leve embaciava os mármore de Erópolis- a maravilha suprema das artes humanas a serviço do Amor.

Nada lembrava ali o organismo que é uma cidade comum- misto de órgãos nobres e vísceras de funções humilhantes. Em vez de ruas geométricas, meandros irregulares, ganglionados magicamente de *pelouses* e moitas nupciais. Sumiam-se nelas os amorosos passeantes e em tais ninhos de doçura trocavam o beijo que elabora o porvir. Tudo fora planejado em Erópolis como intento de dar às criaturas as mais finas sensações estéticas, de modo que os seres ali concebidos já se plasmassem em beleza e harmonia desde o contato inicial dos gametas. Os filhos de Erópolis passaram a constituir uma elite na América- a nova aristocracia dos filhos do Amor e da Beleza. (LOBATO, 2009, p.127-128).

²⁹ Os clubes Anglo-Saxões possuíam forte influência na política do estado da Virgínia, tanto que formularam a Lei 219 e a levaram ao Senado, como também a Lei 311 na câmara dos deputados, as duas possuíam o mesmo título: “Um ato legal para preservar a integridade racial”. Tratava-se de uma licença de casamento, onde todos teriam que ter no registro civil qual etnia faziam parte, com o objetivo de proibir os casamentos entre brancos puros com os de outro segmento étnico. (BLACK, 2003,p.282).

³⁰ Matrilinearidade significa que os indicadores genéticos, no caso brasileiro, são oriundos das mulheres indígenas e africanas, indicando a forte miscigenação com os portugueses colonizadores.

Até mesmo no quesito arquitetônico, Monteiro Lobato sugere que não somente os caracteres genéticos influenciam na concepção de novos seres, mas o efeito de estar em um lugar apropriado leva a formação de pessoas mais belas e capazes durante a gestação. Mais uma vez a teoria Lamarckiana dos caracteres adquiridos conforme o ambiente, no caso a arquitetura e a arte se fundem em comum acordo para amplificar a constituição eugenista imposta pelo Estado. É a verdadeira aliança entre técnica artística e a eugenia prática. A população negra estava de fora, somente era dado aos brancos o direito de usar tal cidade para a geração da nova classe dominante dos Estados Unidos. Mais uma vez se percebe a influência de Gustave Le Bon. Para ele as obras de arte expressam a constituição mental de um povo, de uma etnia, ou melhor, sua alma; nesse quesito se encontra a cidade norte-americana de Erópolis, produto esta de uma visão estabelecida pela eugenia já em curso durante séculos. Segundo Le Bon:

A alma da raça que dirige os destinos dos povos, dirige também, pois, as crenças, as instituições e as artes destes. Encontramo-la sempre em qualquer elemento de civilização que estudemos; é ela o único poder contra o qual nada pode sobrelevar; representa o peso de milhares de gerações, a síntese do pensamento destas. (LE BON, 1929, p.107).

Vale salientar, como ilustrado por Monteiro Lobato, o embate entre o presidente Kerlog e Jim Roy, logo após a vitória do último como o 88º presidente dos Estados Unidos, ou melhor, o primeiro presidente negro daquela nação no romance. O que se pode notar no diálogo entre os dois é a explícita declaração de racismo feita pelo presidente Kerlog:

Jim Roy retesou-se de todos os músculos como a fera que se põe em guarda.
 -“Ameaça-nos como sempre? Ameaça-nos até no momento em que a América ou rompe a sua Constituição e afoga-se num mar de sangue ou submete-se ao meu comando?”
 Kerlog olhou-o firme nos olhos e murmurou com nitidez de lâmina:
 -“Não ameaço. Previno lealmente. Vejo em ti uma força demasiado grande para que eu a enfrente com palavras. Estamos face a face não dois homens, sim duas almas raciais arrostadas num duelo decisivo. Não fala neste momento o presidente Kerlog. Fala o branco de crueldade fria, o mesmo que vos arrancou do *kraal*, o mesmo que vos torturou nos brigues, o mesmo que vos espezinhou nos algodoais. Como há razões de Estado, Jim, há razões de raça. Razões sobre-humanas, frias como o gelo, cruéis como o tigre, duras como o diamante, implacáveis como o fogo. O sangue não raciocina, como os filósofos. O sangue sidera, qual o raio. Como homem admiro-te, Jim. Vejo em ti o irmão e sinto o gênio. Mas como branco só vejo em ti o inimigo a esmagar...” (LOBATO, 2009, p.150).

Muito importante observar o caráter visceral do presidente Kerlog em afirmar para Jim Roy a violência do homem branco contra o negro ao longo da história norte-americana. Lobato estava ao que parece, bastante a par dos conflitos étnicos nos Estados Unidos nessa época. O que se observa também é a retórica de Kerlog em evidenciar a influência do

“sangue”, muito parecida com a teoria nazista de que o desfecho da história é uma guerra de raças pelo domínio territorial, político, econômico e ideológico.

Vale lembrar que a posição de Kerlog em relação a Jim Roy mostra que um negro, mesmo tendo ocupado uma posição de destaque na sociedade norte-americana, continua sendo um negro, não sendo aceita sua mobilidade social. Os norte-americanos brancos não percebem como os brasileiros as variadas nuances de cor de pele, para eles existem apenas pretos e brancos (DREGER, 1976). Carl Dreger fala sobre a “saída de emergência”³¹ dos mulatos no Brasil, mas no caso do romance de Lobato nada é comentado a esse respeito.

As Leis dos Direitos Civis de 1964 possibilitaram o desmantelamento da antiga estrutura de segregação e separação nos Estados Unidos, porém as discriminações ainda ocorrem desde então. Para o modelo futuro estipulado por Monteiro Lobato essas Leis não existiram, sendo que a sociedade norte-americana prosseguiu com suas tensões étnicas culminando na fictícia Lei Owen. O historiador Joel Rufino dos Santos cita a definição de racismo expresso pelo dicionário Larousse: “Sistema que afirma a *superioridade* racial de um grupo sobre outros.” (SANTOS, 1984, p.11). É justamente o que se observa na conversa entre Kerlog e Jim Roy.

Diante do impasse causado pela eleição de Jim Roy à presidência dos Estados Unidos, o presidente Kerlog convocou o que seriam os líderes “natos” das classes sociais nos Estados Unidos, de acordo com seus ramos de atividades, para decidirem sobre o futuro político da nação. A chamada “Convenção Branca” era formada apenas por representantes da etnia branca, obedecendo aos seus segmentos na sociedade, no total de seis homens. Nenhum negro foi convocado, determinando assim o caráter racista de tal Convenção. Miss Jane faz elogios a essa reunião, louvando-a em comparação a Revolução Francesa, também chamada de “Convenção Francesa”. Na visão de Miss Jane a Revolução Francesa foi um tumulto gerador de todos os males da França; nesse sentido há também resquícios das ideias de Gustave Le Bon, que criticava o legado da Revolução Francesa: “Igualdade, Fraternidade e Liberdade”. A escolha dos membros dessa Convenção obedeceu ao critério eugênico-mental estipulado através de rigorosa seleção.

Miss Jane descreve para Ayrton Lobo quem eram os seis escolhidos para participarem da Convenção:

De modo que foi facilimo convocar a Convenção Branca. Além de já estarem naturalmente indicados, os convencionais se resumiam em seis criaturas, respectivamente líderes da indústria, do comércio, das finanças, da arte, das ciências

³¹ Dreger fala sobre o exemplo dado por Oliveira Viana em seu livro “*Evolução do Povo Brasileiro*” (1933), que o negro só poderia se elevar a uma classe superior quando se misturasse ao branco.

e das letras. Eram eles os senhores George Abbot, morador de Detroit e chefe da indústria das bonecas falantes, o supremo encanto das crianças americanas; John Perkins, morador de Hudson, onde mantinha um pequeno comércio de peles de lontra branca; Harmsworth, diretor do Banco Universal; John Leland, criador da puericultura estética; John Dudley, pai da cor número 8 e autor de 72 invenções; e finalmente Dorian Davis, poeta de um soneto único sobre o qual se achava a América dividida em dois imensos grupos- os que tinham como defeituoso o quarto verso e os que o tinham como uma forma de beleza só perceptível no futuro. (LOBATO, 2009, p.164).

Os personagens mais importantes nessa Convenção localizada na Casa Branca foram sem dúvida John Leland, criador da moção Leland e o inventor John Dudley. A moção Leland, no romance, foi a que selou o destino da população negra em 2228 nos Estados Unidos. Ela será falada mais adiante. Outro importante ramo dentro da eugenia era a *puericultura*³², definida como a pesquisa do conhecimento da reprodução, da conservação e do aprimoramento do ser humano (STEPAN, 2005, p.86). Na visão da puericultura as mães e seus filhos eram o receptáculo da economia, sendo assim o bem-estar de ambos era essencial para o desenvolvimento das nações, tornando o Estado obrigado a zelar pela saúde de todos. A função do obstetra e do pediatra era fundamental para deduzir fatores externos que pudessem causar degenerescência, tais como: fadiga, nicotina e álcool, dieta deficiente em vitaminas. Miss Jane explica a Ayrton Lobo a importância de se cuidar das crianças nos Estados Unidos em 2228:

A criança tinha na América de 2228 uma importância capital. Toda a vida do país girava-lhe em torno. Era a criança, além do encanto do presente, o futuro plasmável como a cera. Os maiores gênios da raça se consagravam a estudá-la, para com tão dúctil matéria-prima irem esculpindo a obra única que apaixonava o americano o Amanhã. E a tal grau chegou a afinação da Puericultura Estética, a sublime arte definida por John Leland, que uma imaginativa de hoje, desta época em que o homem, absorvido nos horrores da luta pelo pão, quase ignora a existência da criança, nem de leve pode apreender o que significava em 2228 a Realeza do Baby. Realeza sim, como foi na velha França a dos últimos Luíses divinizados. Em vez, porém, de toda a vida da nação revoltear em roda de um paxá como Luís XIV, girava em torno da Aurora Humana. Sua Majestade Baby era o Luís XIV do século. (LOBATO, 2009, p.193).

Segundo a descrição de Miss Jane as crianças recebiam um cuidado diferenciado em 2228, pois eram a base social, política e econômica do futuro dos Estados Unidos. Tal configuração era arquitetada na cidade de Erópolis, como citado anteriormente. Essas crianças deveriam estar sob os cuidados médicos próprios para que se evitassem problemas de natureza congênita. Tem-se nesse entendimento a domesticação dos corpos, como teorizada por Foucault (2016), para que os filhos sejam projetados com o máximo de eficiência através de

³² A definição foi dada pelo médico obstetra francês Adolphe Pinard (1844-1934), membro fundador da sociedade eugênica da França em 1913.

pais selecionados e liberados para tal objetivo. Novamente pode-se ver o uso da ciência e tecnologia para os objetivos estético-eugênicos na construção de uma “sociedade perfeita”.

Dentro dessa perspectiva relacionada à estética e a adequação física, Monteiro Lobato imaginou também a população negra “omegada”³³ pela ação do raio para alisamento do cabelo, inventado pelo doutor Dudley, até mesmo o personagem Jim Roy aderiu ao “inofensivo” tratamento capilar. A pressão eugenista e autoritária da sociedade branca eram tantas que até mesmo os negros queriam se igualar a eles, fazendo inclusive o embranquecimento artificial da pele. Miss Jane descreve ao estupefato Ayrton Lobo esta mudança:

Até Jim se omegara e o seu aspecto impressionava agora mais do que nunca. Tornara-se um admirável tipo de branco artificial, diverso dos brancos nativos apenas pela grossura dos lábios, saliência zigomática e chateza do nariz. (LOBATO, 2009, p.186).

É interessante notar que Monteiro Lobato classifica a população branca norte-americana como “nativos”, sendo que os nativos eram os antigos indígenas que não existiam mais em 2228. Lobato também descreve o contraste entre o cabelo liso de Jim e o seu fenótipo característico da etnia negra.

O ponto crucial da obra se dá com o desfecho da Convenção Branca na Casa Branca e a leitura da moção Leland. Essa moção parece ter sido a sentença final para a eliminação da etnia negra da América do Norte. Muito se tem discutido o quanto esse episódio do romance de Lobato se assemelha a *Solução Final* dos nazistas. A diferença está no uso da tecnologia a serviço do racismo, sendo que no romance nenhuma gota de sangue foi derramada, ninguém foi para campos de extermínio ou sofreu qualquer tipo de violência física. A solução estava no “inofensivo” raio ômega criado pelo doutor John Dudley, este raio além de alisar o cabelo dos negros também os esterilizavam. Miss Jane descreve os raios Ômega de John Dudley para Ayrton Lobo:

Os raios Ômega, de sua descoberta, tinham a propriedade miraculosa de modificar o cabelo africano. Com três aplicações apenas, o mais rebelde pixaim tornava-se não só liso, como ainda fino e sedoso como o cabelo do mais apurado tipo de branco. Os raios Ômega influíam no folículo e destruíam nele a tendência de dar forma elíptica ao filamento capilar. Vencido este pendor para a forma elíptica, cessava o encarapinhamento, que não passa de mera consequência mecânica. (LOBATO, 2009, p.173).

Percebe-se pelo trecho que Lobato utiliza o termo pejorativo “pixaim” para designar o cabelo dos negros. Importante observar também o uso da tecnologia a favor da eugenia; a tecnologia é neutra, mas, no entanto é atribuído a ela um caráter de purificadora da sociedade,

³³ Neologismo criado por Monteiro Lobato, o romance é permeado de palavras criadas pelo autor.

onde os considerados “desajustados” precisam ser eliminados. Outro ponto importante é o uso da máquina capitalista também a serviço da eugenia com a fundação da empresa “Dudley Uncurling Company”, que tinha como objetivo o “desencarapinhamento” da população negra norte-americana no menor espaço de tempo possível. No romance é descrito como os negros foram afoitos a procura de tal inovação; a própria população negra almejava o processo de “branqueamento” artificial a fim de diminuir os problemas relacionados ao racismo na sociedade norte-americana de 2228.

Monteiro Lobato no seu romance apenas diz que a lei Owen se baseia nos princípios da eugenia, para selecionar os indivíduos aptos a promoverem uma sociedade mais avançada. Não são dadas maiores informações se era utilizado o processo de esterilização cirúrgico. Vale lembrar que a utilização dos raios Ômega na esterilização lembra muito a Lei de Esterilização de 14 de julho de 1933, utilizada na Alemanha nazista; essa lei permitia que esquizofrênicos, depressivos, cegos, surdos, alcoólatras e as pessoas com deformidades físicas fossem compulsoriamente esterilizadas (GEARY, 2010, p.80). Segundo Dick Geary entre os anos de 1934 e 1939, cerca de 320.000 alemães foram esterilizados em decorrência dessa lei. Se enquadra nesse caso semelhante a chamada “Ação T4³⁴” que assassinou através do gás pacientes com deficiência mental em instituições psiquiátricas; tal ação gerou protestos de repulsa pela Igreja Católica. O projeto T4 ocasionou a morte de mais de 100 mil pacientes (BESSEL, 2004, p.100). Importante salientar a semelhança, sendo que tanto na realidade (Segunda Guerra Mundial) como no romance os objetivos foram os mesmos: a eliminação de componentes étnicos indesejáveis nas respectivas sociedades (Estados Unidos no futuro e Alemanha nazista). Claramente os métodos utilizados foram diferentes, mas com o mesmo intuito de “purificar” e “erradicar” indivíduos que na visão dos governos distintos, não contribuíam para a utopia de uma sociedade “superior”.

Pondo em evidência o diálogo final entre Jim Roy e o presidente Kerlog, com este último revelando a Jim o verdadeiro objetivo do raio Ômega, além de alisar os cabelos dos negros:

“Não há moral entre raças, como não há moral entre povos. Há vitória ou derrota. Tua raça morreu, Jim...”
 O negro imobilizou-se. Suas narinas entraram a aflar. Suas feições se decompunham horrorosamente.
 “-Tua raça morreu, Jim”, repetiu Kerlog. “Coma frieza implacável do Sangue que nada vê acima de si, o branco pôs um ponto final no negro da América.”
 Jim quedou-se um instante imóvel, como que adivinhando.”
 “-Os raios Ômega!”, exclamou afinal num clarão, agarrando os braços de Kerlog com os dedos crispados.

³⁴ A alusão do nome remete ao endereço do escritório envolvido na elaboração da ação, que se localizava na rua Tiergartenstrasse 4.

“-Sim”, confirmou Kerlog. “ Os raios de John Dudley possuem virtude dupla...Ao mesmo tempo que alisam os cabelos...”
 Os olhos de Jim saltaram das órbitas. Seu transtorno de feições era tamanho que o líder branco vacilou de piedade. A raça cruel, porém, reagiu nele. E surda, quase imperceptível, aflorou em seus lábios a palavra fatal:
 “-...esterilizam o homem”. (LOBATO, 2009, p.189-190).

Ao que tudo indica, Jim Roy foi fulminado por um ataque cardíaco mediante a revelação feita por Kerlog. A ação da ciência se desdobra na descoberta de John Dudley para tornar real o objetivo de destruição do grupo étnico negro, tal como aconteceu durante o governo nazista na Alemanha, todas as ações tiveram respaldo por grande parte dos médicos, juristas e pelos homens que detinham os conhecimentos científicos naquele momento para o extermínio de judeus e outros considerados inaptos para conviverem na sociedade alemã. Lobato ainda descreve a moção Leland, resumida, mas bastante clara na intenção para com a população negra:

‘A convenção da raça branca decide alterar a Lei Owen no sentido de incluir entre as taras que implicam a esterilização o pigmento negro camuflado... A raça branca autoriza o governo americano a lançar mão dos recursos que julgar convenientes para a execução desta sentença suprema e inapelável’. (LOBATO, 2009, p.195).

O governo americano de 2228 classifica o uso dos raios Ômega como um “maravilhoso processo” que livrou o país de um desastre. Observa-se de maneira bem conclusiva a união entre Estado, direito e tecnologia para erradicar a população negra, ainda seu pigmento sendo considerado uma “tara” que deve ser eliminada através da esterilização secreta. De fato Monteiro Lobato, de maneira subjetiva, em seu romance descreveu um tipo de *genocídio*³⁵, palavra que viria mais tarde a ser cunhada pelo advogado polaco de origem judia Raphael Lemkin (1900-1959). Lemkin foi profundamente marcado pelo genocídio ocorrido com o povo armênio, entre os anos de 1915 e 1917, durante o governo de Talaat Pasha. Monteiro Lobato era muito dado ao uso de neologismos, ou seja, a formação de palavras novas. Ao longo de seu romance são bastante usadas, não cabendo sua discussão aqui, mas provavelmente a palavra feita por Lemkin chamaria sua atenção.

O que mais chama atenção no episódio dos raios Ômega é que tudo foi feito secretamente pelo governo norte-americano, sem ao menos ter algum tipo de violência física ou derramamento de sangue, como foram registrados em outros episódios da História. Nota-se que a lei Owen até o momento não contemplava a esterilização do grupo negro, mas com a subida de Jim Roy ao poder foi rapidamente mudada. Não houve sequer no romance ataque aos negros, tal como ocorreu na Alemanha nazista contra os judeus; Monteiro Lobato em seu

³⁵ A palavra genocídio vem do prefixo grego *genos* (família, tribo ou raça) e do sufixo latino *cide* (matança).

romance não relata esse tipo de violência, mas os raios Ômega não só causavam a esterilidade como também tiravam o vigor físico de quem o recebeu.

Monteiro Lobato não deixou de exaltar, por poucas vezes, características positivas de Jim Roy. No capítulo *Crepúsculo* Miss Jane descreve a formação de Jim Roy a Ayrton Lobo, logo após a sua morte:

-No dia seguinte a essa noite trágica devia realizar-se a posse do 88º presidente americano. James Roy Wilde, vulgarmente Jim Roy, negro de raça pura nascido em Sonora aos 23 de abril de 1888, doutor em Ciências de Governo pela Escola Técnica de Direção Social, despigmentado em 2201 e omegado vinte dias depois da vitória nas urnas. (LOBATO, 2009, p.192).

É preciso observar que até mesmo Jim Roy, exaltado por Monteiro Lobato por suas qualidades de líder nato, também se submeteu ao tratamento oferecido pelo dr. John Dudley para ser despigmentado e logo depois “omegado”. Tamanha era a pressão exercida nessa sociedade autoritária e baseada nos princípios dos valores dos brancos, que os próprios negros procuravam uma maneira de manter a igualdade, ou seja, negando suas antigas raízes vindas da África. Interessante análise é feita pelo sociólogo José Maurício Domingues³⁶ no que diz respeito aos processos de sociabilidade na modernidade; ele explica sobre os processos de *reencaixe* e *desencaixe* (DOMINGUES, 2001, p.24-25). Aplicando ao contexto do romance de Monteiro Lobato, percebe-se o conflito de identidade entre a população negra norte-americana. De um lado os rigores da eugenia e do outro a negação do ser negro e da sua cultura, o *desencaixe* estaria dentro do romance caracterizado como o negro sendo “inferior” perante essa sociedade, entretanto o seu *reencaixe* se daria por meio da despigmentação e das aplicações do raio Ômega, com o intuito de deixá-los próximos fisicamente dos brancos e finalmente aceitos socialmente.

O choque de raças, ou melhor, a violência étnica nos Estados Unidos foi evitada através do uso da ciência, da tecnologia aliada aos princípios da eugenia. Mas a esterilização provocada pelos raios Ômega também consiste em um tipo de violência e violação já que as pessoas não sabiam os seus efeitos. As feministas e os partidários do presidente Kerlog se uniram, novas eleições foram feitas e Kerlog foi reeleito; uma grande semelhança com a união entre os diversos setores de direita e nacionalistas com os seguidores do nazismo; comparando Kerlog e as feministas como direita e a população negra igualada aos comunistas ou anarquistas. Ironicamente Miss Jane justifica a neutralização da violência com a violência causada pelos raios Ômega:

³⁶ Os processos de re-encaixe e desencaixe são bem explicados com o exemplo do Vale do Amanhecer em Brasília, onde os mais humildes podem lograr a construção de uma nova identidade, onde não seria possível em outras ocasiões de suas vidas.

O choque das raças fora prevenido, o que valeu por nova vitória da eugenia. A sociedade, livre de tarados, viu-se no momento do embate isenta dos perturbadores ao molde dos retóricos e fanáticos cujas palavras outrora impeliam as multidões aos piores crimes coletivos. (LOBATO, 2009, p.192).

Monteiro Lobato ainda cita o termo “Supercivilização ariana” que estava em plena formação no território norte-americano e que não podia englobar outros grupos étnicos, pois estes seriam uma ameaça aos ideais de tal civilização. Muito semelhante ao “Reich de mil anos” pregado por Adolf Hitler anos mais tarde.

O romance “O Presidente Negro” idealizado por Monteiro Lobato serviu como base para que Ayrton Lobo declarasse seu amor a Miss Jane. Pode-se ver nessa metáfora a admiração de Lobato pelos Estados Unidos e o seu envolvimento com o pensamento em torno da eugenia.

5 CONCLUSÃO

A análise feita do romance “O Presidente Negro” de Monteiro Lobato é de suma importância no cenário social e político que o Brasil se encontra atualmente. Mesmo tendo em vista a sociedade do futuro nos Estados Unidos, pode-se estabelecer pontos em comum com o Brasil no caso da entrada das teorias da eugenia, estas tendo sido acolhidas principalmente no meio médico, mas também em menor grau no meio jurídico.

Nesse conturbado campo político de 2018 no Brasil, existem políticos pondo em evidência posicionamentos que desfavorecem as minorias e suas lutas, tal como o processo de perda de identidade verificado no romance de Lobato pela população negra norte-americana. Atualmente, discute-se a validade do ingresso nas Universidades por cotas, como também a demarcação das terras indígenas e a situação dos Quilombolas. O Presidente Negro tem sido estudado por um bom número de especialistas, muitos da área de Letras e Ciências Sociais, como também em História. Para entender o pensamento de Lobato sua obra deve ser lida e estudada na sua totalidade, pois se tratava de um intelectual com diversas nuances de pensamento. Lobato flertou com o pensamento do seu tempo ao escrever seu único romance adulto, mas não necessariamente o pensamento da eugenia era dominante, outros intelectuais já combatiam essas ideias.

Monteiro Lobato foi um prolífico escritor, principalmente para o público infantil onde se nota sua maior notoriedade, mas sua obra deve ser lida com as devidas problematizações e críticas. Outro escritor de ficção, mas diferente de Lobato, nos Estados Unidos foi Howard Philip Lovecraft. Ele também na década de 20 do século XX escreveu contos impregnados de racismo e discursos contra a imigração. Sua obra o desmerece como escritor hoje? Não, mas mesmo no prefácio dos livros dele lançados hoje por muitas editoras podem-se ver essas observações a respeito dos seus posicionamentos. É importante que se faça uma busca historiográfica e contextualizada para compreender o que muitos desses escritores pensavam.

Mesmo Fausto Cunha tendo rechaçado O Presidente Negro como o romance precursor da ficção científica no Brasil, o valor desse conto elaborado por Monteiro Lobato é importante para os historiadores compreenderem a visão que o autor tinha sobre o Brasil naquele momento e também sobre a sociedade norte-americana dos anos 20 do século XX; tendo como base o discurso, ou a quase ausência dele, pelo trabalhador urbano Ayrton Lobo. Além da eugenia, o livro também pode render bons estudos sobre o movimento feminista e sobre novas tecnologias pensadas, podendo estabelecer estudos sobre distopias e utopia. No que diz respeito ao feminismo poderiam ser realizados estudos de como as mulheres procuravam se

organizar nesse período. Na parte de futurologia ou tecnologia poderiam ser debatidos os questionamentos acerca das inovações promovidas pela ciência, como os seus aspectos negativos e positivos sobre a sociedade do período. Interessante seria estabelecer um estudo comparativo entre as redes imaginadas por Monteiro Lobato no seu romance com a disseminação da internet. Estudos sobre regimes ditatoriais também poderiam ser abordados, levando em conta a imagem do presidente Kerlog e o modo como ele procede estando no poder. Uma análise comparativa com o livro *1984* de George Orwell seria de fato muito elucidativa, estabelecendo diferenças e semelhanças entre os dois autores e suas visões quanto ao futuro.

Outra obra importante de Monteiro Lobato chamada *Urupês*, lançada em 1918, constituída de 14 contos, revela as críticas do autor aos sertanejos brasileiros. Também merece um trabalho de análise, pois demonstra influências da eugenia.

Compreender Monteiro Lobato é compreender suas visões relativas ao Brasil e ao momento histórico em que ele se encontrava inserido. Momento esse, em que a eugenia era considerada de caráter “progressista” por aqueles que a defendiam e que, em breve, serviria ao nazismo.

Pouco falada também é a questão da *puericultura*, ou melhor, a arte de cuidar da saúde e beleza das crianças. O que poderia ser feito relativo a um estudo comparativo da época em que eram feitos concursos no Brasil para premiar a “criança eugenizada”, ou seja, a criança branca bem nascida, com o que se vê hoje em relação aos cuidados na parte infantil? Vimos que Monteiro Lobato imaginou um aparato especial na sociedade norte-americana futura no que diz respeito aos cuidados com as crianças, é certo que no romance não são dados maiores detalhes, mas ele consegue evidenciar essa questão.

Seguindo a questão dos “corpos perfeitos”, Lobato fez alusão aos cidadãos esteticamente belos, em contrapartida que os “feios” já tinham sido eliminados devido aos severos processos eugenistas alcançados pela chamada *Lei Owen*. Quais parâmetros poderiam ser comparados com o que ocorre hoje? Afinal vivemos em uma época que também a “perfeição” dos corpos é constantemente exaltada pela mídia. Seriam esses parâmetros herdados da eugenia de outrora agora diluídas em várias propagandas? Podemos imaginar o binômio *corpo belo igual a corpo eficiente*, pois no romance de Lobato é uma constante, já lembrando que Monteiro Lobato era admirador do empresário Henry Ford. Parece que Ford é o sinônimo de mais eficiência e produtividade, na verdade para Lobato é um modelo a ser seguido e considerado certo, tanto do ponto de vista estético e moral. Esse é outro ponto que poderia render um bom estudo acerca do que o empresariado hoje quer do empregado,

eficiência, objetividade, capacidade de dar soluções rápidas? Até há pouco tempo figuravam nos anúncios de empregos nos jornais que queriam pessoas de “aparência”, ou até mais ousados no racismo como “somente pessoas brancas para essa vaga”. Vale ressaltar que um estudo sobre as influências do pensamento eugenista e sua influência no mundo do trabalho seria muito revelador.

Apesar de muitas coisas no romance parecerem absurdas aos olhos do leitor, era dessa maneira que alguns especialistas achavam que o mundo poderia ser “consertado”, através da seleção dos seres humanos mais aptos. Monteiro Lobato estava em intensa ligação com as teorias eugenistas naquele momento, mas isso não quer dizer que todos concordavam. A obra *O Presidente Negro* deve ser lida com olhar crítico, mas não deixada de lado, pois é um testemunho importante do que foi o pensamento em torno da eugenia.

6 FONTES

LE BON, Gustave. **Leis Psicológicas da Evolução dos Povos**. São Paulo: Universus, 1929.

LOBATO, Monteiro. **O Presidente Negro**. 2.Ed. São Paulo: Globo, 2009.

7 BIBLIOGRAFIA

ALLEN, L.D. **No Mundo da Ficção Científica**. São Paulo: Summus, 1974.

ASSUNÇÃO, M. P. de. Análise do discurso Bakhtiniana na obra “O Presidente Negro”, de Monteiro Lobato. **Ribanceira- Revista do curso de Letras da UEPA**, Belém, vol.1, n.3, p.19-35, jul./ dez. 2014.

BARBOSA, Alaor. **O Ficcionista Monteiro Lobato**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BESSEL, Richard. **Nazismo e Guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

BLACK, Edwin. **Guerra Contra os Fracos: a Eugenia e a Campanha dos Estados Unidos para criar uma Raça Dominante**. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

BONFIM, Paulo Ricardo. **Educar, Higienizar e Regenerar: uma História da Eugenia no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

CÂNDIDO, Antônio. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1964.

DEGLER, Carl N. **Nem Preto Nem Branco: Escravidão e Relações Raciais no Brasil e nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.

DIWAN, Pietra. **Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

DOMINGUES, José Maurício. **Sociologia e Modernidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FERREIRA, E.M.A. Monteiro Lobato no Porviroscópio. **Intersemiose**, Revista Digital, ano III, n.06, p.40-53, jul./dez.2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GEARY, Dick. **Hitler e o Nazismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GIROLDO, Ramiro. Higienismo da ficção científica brasileira: da utopia a distopia. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n.12, p.1-20, jul./dez.2008.

JÚNIOR, João Ribeiro. **O Que é Positivismo**. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos: das Origens ao Século XXI**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOIFMAN, Fábio. **Imigrante Ideal: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

LAJOLO, Marisa. Negros e negras em Monteiro Lobato. *In*: TEIXEIRA LOPES, E. M.; GOUVÊA, M. C. S. (org.). **Lendo e escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 65-82.

LEAL E SILVA, R.E. O futuro, segundo Monteiro Lobato: eugenia e utopia na obra o Presidente Negro (1926). *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 5., 2011, Maringá. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2011, p 1915-1925.

LOBATO, Monteiro. **Problema vital, Jeca Tatu e outros textos**. São Paulo: Globo, 2010.

MAIO, Marcos Chor (org.). **Raça Como Questão: História, Ciência e Identidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

MOTA, André. **Quem é Bom já Nasce Feito: Sanitarismo e Eugenia no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NIGRI, André. **Monteiro Lobato e o Racismo**. 2012. Disponível em: <http://inversocontraditorio.blogspot.com/2012/07/monteiro-lobato-e-o-racismo.html>. Acesso em: 03 de nov. de 2018.

NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato Vivo**. Rio de Janeiro: Record, 1986.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O Que é Etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

ROCHA, Simone. **Eugenia no Brasil: análise do discurso “científico” no Boletim de Eugenia 1929-1933**. 1.Ed. Curitiba: CRV, 2014.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O Que é Racismo**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

SCHWARCZ, L. M. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de; SANTOS, Ricardo Ventura. O Congresso Universal de Raças, Londres, 1911: contextos, temas e debates. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 7, n. 3, p. 745-760, set.-dez. 2012.

STANCIK, M.A. Os jecas do literato e do cientista: movimento eugênico, higienismo e racismo na primeira República. **Publicatio UEPG**, Ponta Grossa, v.13, n.1, p.45-62, jun.2005.

STEPAN, N.L. **A Hora da Eugenia: Raça, Gênero e Nação na América Latina**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.